

PROUST MAGAZINE

LITERATURA • MEMÓRIA • REFLEXÃO



Vol. 1 No. 2 (ago/2026)

RESGATANDO TEMPO, CONSTRUINDO LEGADO.
CONTOS, POEMAS E MEMÓRIAS SELECIONADOS DO PÚBLICO.



PROUST.EDITORIA



WWW.PROUSTMAGAZINE.ORG



@PROUST.EDITORIA

EXPEDIENTE

Vol. 1. No. 2 (ago/2026)

ISSN 3086-6618

Periodicidade: Mensal

DIREÇÃO EDITORIAL

Editor-Chefe: *Youssef Bouguerra*

CONSELHO EDITORIAL

Myriam Abdelmoula · Sofia de Mello Pimentel Bouguerra

PRODUÇÃO E DESIGN

Projeto Gráfico e Diagramação: *Youssef Bouguerra*

Revisão de Texto: *Youssef Bouguerra* e Autores

CONTATO

www.proustmagazine.org · editor@proustmagazine.org

Instagram: [@proust.editora](https://www.instagram.com/proust.editora)

APOIO

A Proust Magazine agradece a Diego P. Santos e a Maria Rosello, primeiros apoiadores mensais do projeto, por contribuírem para a continuidade de uma revista literária independente.

O apoio não interfere na leitura, na seleção ou na publicação dos textos.

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Esta edição conta com artes visuais desenvolvidas com o auxílio de IA.

Editorial

Chega a hora de fechar esta segunda edição da Proust Magazine. A memória me transporta para o mesmo momento do mês passado, e surpreendo-me com os temas que acabaram ganhando espaço ao longo dos trinta dias de curadoria. Memória, tempo e retorno do passado formam, incontestavelmente, o eixo dominante desta edição (*Cápsulas do tempo*, *A fresta do tempo* e *Tempo-raís*, entre outros). Mas alguns temas menos esperados também surgem com força, como se os autores tivessem combinado tratar das mesmas questões. Ou talvez como se o editor estivesse inclinado a seguir certos caminhos em detrimento de outros.

Entre esses achados percebidos apenas em retrospecto, o silêncio (*O que permanece em silêncio*, *A transcendência do silêncio*, *Café ao sol da manhã* e *Carta a Marcel Proust*) e a miséria (*As regras da miséria*, *Trânsito* e *A revolução da dignidade*) são os que mais me interpelam. Há algo des-

confortável em perceber as escolhas feitas pelo inconsciente quando eu acreditava estar apenas lendo.

O silêncio é necessário no processo de curadoria. É preciso afastar o ruído, ouvir o texto e aceitar que algumas decisões não chegam imediatamente. Esse mesmo silêncio ajuda a pensar nos próximos passos da revista. Como fazê-la chegar a mais leitores? Como aproximá-la de novos espaços sem perder aquilo que a tornou possível? Durante o mês de julho, iniciei conversas com bibliotecas, livrarias e outras instituições ligadas à literatura e à cultura. Ainda são movimentos incipientes. Irei compartilhando os avanços em nossos espaços de troca, especialmente no Salão Literário do WhatsApp. Aproveito para estender o convite a quem ainda não faz parte do Salão. As conversas têm sido ricas. Quem prefere observar em silêncio também será acolhido. Boa leitura!

Youssef Bouguerra

Fragmentos

Editorial	4
O valor dos minutos	8
As regras da miséria	12
Cápsulas do tempo	19
A eternidade circular	20
A fresta do tempo	23
Musca domestica	26
Uma existência	29
Sesfedrinho, o coelhinho da vida	34
Sinapses	43
Trânsito	46
Despertar e ser	53
Uns olhos	55
O que permanece em silêncio	61
Da poética	65
Tempo-raís	67
Quase um poema de amor	68
A transcendência do silêncio	71
Café ao sol da manhã	76
Céus estrangeiros	82
Carta a Marcel Proust	85
Fluxo	93

A revolução da dignidade.....	97
O ônibus azul.....	100



Alexandre
Gorziça

O valor dos minutos

30 minutos ou menos. Era esse, o tempo.

Por onde começar? Por essa noite, em que tive esse sono entrecortado por sonhos ou por aquela tarde no parque? Vou optar pela linearidade do tempo. Talvez ela me seja menos arriscada, não deixando as emoções atropelarem minha memória, ao relatar.

Nessa época, os celulares por aqui ainda não eram *smartphones*. O *Whatsapp* estava nos seus passos iniciais nos Estados Unidos. As mensagens eram pelo SMS. Ou as pessoas telefonavam. E naquele dia ensolarado, não lembro se era feriado ou final de semana, quando estava com os filhos no parque, o telefone tocou. Pelo identificador de chamadas, que à época tinha um limite máximo de contatos — acho que eram cinquenta (ou seriam cem?) — li “Bloco Cirúrgico”. Três possibilidades: engano, burocracia ou urgência.

— Gorziza, dizia a conhecida voz de um estimado cirurgião no outro lado da linha, estás em Porto Alegre?

Despedi-me dos meus filhos e da mãe deles, rumando ao hospital. Direto na sala cirúrgica, naquela cirurgia de urgência que estava em andamento, nos defrontávamos com um tumor abdominal que acabava invadindo também a bexiga. Terminada a cirurgia, o nome do paciente, dito completo pela primeira vez, desvendava que se tratava de um médico, de um professor de medicina. Na verdade, um Mestre. Não havia sido meu professor. Mas nesse tempo que convivemos, ele junto com sua esposa, me ensinaram muitas coisas.

No dia seguinte, apertávamos nossas mãos pela primeira vez. Ainda sob efeito de medicações da anestesia, a conversa foi resumida. Começaram a ter extensão e profundidade a partir do dia seguinte. Foi nesse dia que, quando

cheguei no box da CTI, percebi ele lendo o caderno de cultura de um importante tabloide nacional. Na contracapa, a foto de Pina Bausch. E sobre ela e o *Tanztheater* falamos uns bons 15 minutos. E nos outros dias dessa internação falamos de tantas coisas, desde sobre a costura na bexiga, a sonda urinária, sangue na urina, câncer, peças de teatro, livros, festival de teatro de bonecos, até memórias de colegas que conhecíamos em comum. Tudo isso acompanhado pela memória aguçada e humor gentil da esposa, também.

Era o plano da equipe médica multidisciplinar envolvida naquele cuidar, que se iniciaria uma quimioterapia após uma recuperação inicial de uns 30-40 dias. Mas os planos médicos foram diferentes dos da doença maligna. As debacles rápidas aceleraram decisões, conversas e buscas.

O espalhar-se da doença determinou reinternação e como antes, apesar de sermos da mesma profissão, o Mestre (não esqueça: ele era realmente um Mestre) nunca confundiu nossos papéis: ele humildemente manteve-se na posi-

ção de paciente. Não aconteceu a esmeraldite. A esmeraldite (a esmeralda é a pedra-símbolo da Medicina) é a situação em que há uma confusão nesse momento em que o médico se torna o paciente. Seja tanto, porque o paciente não se coloca nessa posição ou porque o médico assistente atrapalha-se no ato de examinar ou de pedir exames ou de decidir por tal ou qual procedimento ou tratamento (muitas vezes mutilantes). Com esse confundir há chances bastante grande de erros acontecerem. E marcadamente, nada disso aconteceu nessa nossa vivência. A piora nos exames mostravam um horizonte bastante encurtado. E esse horizonte veio chegando com extrema rapidez, para tristeza de toda equipe e também da esposa, sempre presente e colaborativa para ajudar naquilo que somente pessoas amadas conseguem fazer, que é o apoiar.

Num dia 09, poucos dias depois da morte da Pina Bausch, nossas conversas estavam por chegar ao fim. Chegavam no ápice, onde a realidade do morrer supera qual-

quer expectativa ou esperança de sobreviver. Bastante cansado, mas ainda com o brilho no olhar e pegando minha mão, anunciou:

— Eu não quero ser entubado.

E entre as múltiplas inspirações naquele esforço respiratório agravado das últimas horas, complementou:

— Prefiro ser sedado. Mas antes queria que minha mulher estivesse aqui pra falar com ela.

Com absoluto respeito aos finais desejos e também garantindo que já estivesse um pouco aliviado daquela miserável angústia respiratória que lhe fazia inspirar de trinta a quarenta vezes por minuto, deixamos que a esposa estivesse ali a partir dessa sedação ini-

cial. Quando ela chegou, com o seu habitual sorriso discreto ele a convidou:

— Senta aqui do meu lado e segura minha mão.

Sei que ainda trocaram aquelas palavras que as pessoas que se amam dizem-se mutuamente. Em menos de 30 minutos a inconsciência dele terminava de trazer alguma tranquilidade na respiração. E lentamente, em mais alguns 20-30-45-60 minutos, as mãos se sentiram. Até o último suspiro dele.

[escrito no dia 14, seis dias após o sono entrecortado onde sonhei com essas duas pessoas queridas. No dia seguinte desse sono, leio no Facebook dela: 17 anos da morte (dele)].



Alexandre Gorziza, médico urologista, de Porto Alegre (RS), apreciador de Mahler, Sibelius, Nietzsche, Dostoiévski, Machado de Assis e Guimarães Rosa. Muitas vezes, vaza na escrita aquilo que vê, sente ou vive.



Antonio
Stegues
Batista

As regras da miséria

O beco é uma fenda profunda entre dois prédios de concreto, onde o sol nunca toca o chão. O pavimento de cimento está sempre úmido por um gotejamento crônico, vindo de algum ar-condicionado industrial nas alturas. O buleiro entre nós dois era o único território livre daquele lugar para nossas necessidades fisiológicas. Ao fundo, a escuridão se adensava, engolindo a "residência" dele em um breu absoluto, onde apenas o brilho ocasional de uma vela ou o som de papelão sendo dobrado revelavam vida. Minha barraca era velha, um amontoado de lonas plásticas, presas por fita isolante e tijolos.

Eu o vi passar rente a mim, talvez a um metro de distância, um vulto delgado e manco. Soube que era ele quando senti o fedor, o ranço de quem não via água há dias. Eu poderia pular e apertar com os dedos aquele pescoço seboso, quebrá-lo, simplesmente porque a presença dele no beco me aborrecia. Talvez para ele eu também

fosse um estorvo, ainda mais morrendo no caminho por onde ele precisava passar. Mas, por uma questão de ética própria, evitávamos discussões. Nossa vida já era miserável, brigar seria pior, ainda mais com a epidemia da Covid19 castigando a cidade.

Tudo estava fechado, apenas serviços essenciais funcionavam. As pessoas eram obrigadas a usar máscaras, como nos Centros de Acolhimento da prefeitura, onde podíamos tomar banho, trocar de roupa e comer. Mas o abrigo do bairro fechara, nenhum funcionário se atrevia a nos ajudar. Éramos como leprosos, renegados. Dependíamos da caridade, mas os restaurantes também baixaram as portas.

— Não se assustemos! — exclamou ele, tanto para avisar que estava passando quanto para reafirmar as regras.

Recuei para o fundo da lona da minha barraca, ouvindo o silêncio

pesado retornar. Não éramos amigos, apenas vizinhos. Dois fantasmas dividindo o mesmo purgatório, respeitando a distância exata de alguns passos para que nenhum de nós precisasse, ou pudesse confirmar que o outro ainda era humano.

Meu estômago roncava.

Meu companheiro de beco saiu, talvez em busca de comida, e decidi fazer o mesmo. Peguei meu carrinho e ganhei as ruas desertas, ladeadas por comércios de portas arriadas. De vez em quando, passava um carro. Vasculhei latas de lixo em busca de garrafas e embalagens plásticas para vender no posto de reciclagem. Saindo do beco, os quarteirões da esquerda eram meus, os da direita, dele. Essa era uma das regras, um acordo mútuo para o bem de ambos.

Lembro-me de quando cheguei ali. Eu me casei com Clarice e, poucas semanas depois, ela faleceu. Uma parte de mim foi com ela para debaixo da terra. A dor me fez abandonar tudo, procurar um canto escuro e esperar a

morte por inanição. Mas, naquela mesma noite, sonhei com ela me pedindo para seguir vivendo, para carregá-la na memória. Aceitei viver, mas uma vida simples, despidida de desejos e esperanças.

Passei a ser catador, morando em cantos de edifícios até fixar moradia naquele beco. Encontrara uma barraca de lona no lixão, montei-a na entrada e vadei os buracos com plástico e fita. Forrei o chão com papelão e, sobre ele, estendi um colchonete também resgatado do lixo. Meus pertences resumiam-se a um copo plástico, talheres, espiriteira, agulhas, linhas e outras miudezas que catei.

Como o beco era escuro, não percebi de imediato que alguém morava nos fundos. Era outro sem-teto. Ele me chamou enquanto eu montava a barraca. Fui até ele, mas, ao me aproximar, mandou-me parar. Dali, avistei seu abrigo rústico, construído com tábuas velhas, ripas e plástico-bolha. A voz veio lá de dentro. Numa conversa rápida, ele ditou as regras para que eu pudesse ficar, e eu concordei.

Assim vivíamos, sem conversar, sem brigar, respeitando o espaço alheio. A princípio, a presença dele não me incomodava, mas, com o tempo, comecei a odiá-lo. Certo dia, em um lixão, percorri montes de detritos em busca de algo para comer, mas só encontrei lixo tecnológico, nada orgânico, exceto o bolor verde luminescente nos restos de iPhones. De repente, deparei-me com algo diferente sob o monte azul-escuro. Era um livro de capa mole, manchado, mas inteiro. Levei-o para "casa". Na capa, a imagem de um prato com sopa de legumes. Receitas Culinárias da Tia Jerusa.

Concentrado, folheei o livro. Na primeira página, havia a receita de massa com carne moída ao molho madeira, no verso, estrogonofe de frango. Num gesto brusco, arranquei a página, amassei-a até formar uma bolinha e coloquei-a na boca. Rolei-a com a língua para que a saliva amolecasse o papel e mastiguei a massa de sabor acre, imaginando ser o estrogonofe. Engoli a celulose, que arranhou minha garganta seca. Bebi uma

caneca d'água para amenizar a ardência.

De madrugada, a dor de estômago me despertou. Acendi a espiroteira, fervei água e fiz um chá de losna. Quando a dor cedeu, consegui adormecer. Acordei pela manhã sentindo cheiro de comida. Achei que delirava, mas, ao sair da barraca, o aroma intensificou-se. Olhei para a estrutura de plástico-bolha, quase invisível nas sombras do fundo. Achei que meu vizinho cozinhava. Comecei a descer o declive e parei na metade do caminho. O beco tinha cerca de cem metros, eu morava numa ponta, ele na outra. Percebi que o odor vinha de um ponto na parede esquerda, onde descartávamos o lixo. Lá estava uma embalagem de alumínio, suja de molho de tomate, com dois ossos de coxa de galinha.

Fiquei furioso. Fui até a cabana desengonçada, mas não ousei entrar.

— Então?! — gritei. — Você ganhou uma marmita e não me avisou onde estão distribuindo? Egoísta!

A voz roufenha saiu por uma fresta e feriu meus ouvidos:

— Não sou seu parente. Não sou obrigado a cuidar de ti. Deus ajuda quem cedo madruga. O abrigo do bairro distribuiu almoço. Agora, só a janta.

Ele se calou. Saí à procura de algo para comer. Nas latas de lixo, encontrei algumas frutas passadas que serviram para aplacar a fome. Pouco antes das dezoito horas, ajustei a máscara e fui para a fila da marmitta. Éramos cerca de dez pessoas vivendo ao relento por circunstâncias distintas e decisões próprias. Meu vizinho devia estar ali, mas eu não sabia quem era. Nunca vira seu rosto. Naquela noite, dormi de barriga cheia.

Acordei cedo com alguém chutando minhas pernas. Eram dois homens vestidos de preto, com as insígnias da Polícia Civil penduradas no pescoço. Fui levado à delegacia e interrogado sobre um homicídio e ocultação de cadáver. Recebi socos e choques elétricos enquanto reafirmava minha inocência. Horas depois, outro agente entrou na sala e avisou que

o suspeito não era eu. Tiraram-me dali e me jogaram em um lixão.

Vi-me deitado no cume de uma montanha de detritos. O fedor era insuportável. Fiquei ali, sem forças, mirando o vazio do céu e escutando o silêncio ao redor. Pensei no tempo. No tempo em que nasci, cresci e tinha família. O tempo passou, meus pais morreram, meus tios se foram e perdi o rastro de primos e sobrinhos. Minha esposa morreu e eu fiquei sozinho. Desiludido, perdi a vontade de trabalhar e de existir.

Clarice estava no trabalho, era gerente de uma empresa, quando teve um mal súbito. Avisaram-me pelo telefone e corri para o hospital. No momento em que eu estacionava, dois bandidos me abordaram armados e levaram o carro. Em vez de correr para vê-la, dirigi-me a uma delegacia para registrar o boletim de ocorrência. Quando finalmente cheguei ao hospital, recebi a notícia terrível, Clarice estava morta. Disseram que ela chamou por mim até o fim.

Fiquei ali apenas para o velório e o sepultamento. No cemitério, despedi-me dos pais dela e saí pelas ruas, sem rumo, consumido pelo arrependimento de ter me preocupado mais com um pedaço de metal do que com a mulher que eu amava. Abandonei casa e emprego. Fui morar na rua para pagar pelos meus erros, pelos meus pecados e por nunca ter sido o homem justo que ela merecia.

Uma chuva fina começou a cair, reanimando-me. Como o lixo estava encharcado, comecei a afundar na massa orgânica. Reuni forças e saí dali. Como um cão judiado, voltei para a minha barraca para lambe as feridas. A chuva intensificou-se assim que entrei no abrigo. Enxuguei-me, mudei de roupa e deitei.

Algum tempo depois, algo me despertou. A água entrava pela lona. Abri o zíper e vi que o beco estava inundando. O bueiro não dava conta da vazão e, pelo nível nas paredes dos prédios, percebi que o barraco lá no fundo estaria submerso. Meu vizinho teria sa-

ído a tempo? Ou estaria doente, incapaz de se levantar?

Decidi ir até lá. Desci devagar; a água subiu pelas canelas e logo atingiu meu peito. Cheguei ao casebre.

— Você está aí? — gritei. — Tem alguém aí dentro?!

Apenas o murmúrio da enxurrada respondeu. Empurrei a porta. Na semiescuridão, vi apenas quinquilharias boiando. Meti os braços na água, tateando o fundo, quando, de repente, a estrutura desengonçada desabou sobre mim. Fiquei preso entre ripas e plásticos. O pânico tomou conta, minhas pernas fraquejaram e submergi. Prendi a respiração, achando que aquele era o fim. Lembrei-me de Clarice, de sua voz e de seu sorriso, que eu finalmente reencontraria no além-túmulo.

Mas alguém me puxou para a superfície. Braços fortes me arrastaram pelas águas do beco e me levaram para um lugar seguro, no ponto mais alto da rua. Atordoado, vi apenas um vulto sob a

chuva, que bateu levemente em meu ombro.

— Não se assustemos! — disse ele, antes de se afastar e sumir na escuridão.

Não sei se ele voltou quando o beco secou. Eu nunca mais retor-

nei. Resolvi que o sacrifício já bastava e que era hora de recomeçar. Voltei para casa, busquei tratamento e arranjei um emprego. A vida no beco ficou para trás, mas a voz do meu salvador ainda ecoa quando penso no que significa ser humano.



Antonio Stegues Batista é natural de Canoas-RS. Escreve desde os 17 anos e participa de diversas antologias. Escreve contos, poesias, artigos científicos e joga videogame.



Celuta
Machado

Cápsulas do tempo

Se

Gosto de imaginar que eu poderia ter saído de mim para ser o que quisesse. Cruzar o arco do infinito, alcançar o anonimato, circular por sonhos que escaparam de vidas mais iluminadas e disponíveis, mais devotadas ao contentamento. Eu poderia ter aberto um bazar de sonhos, ter negociado com mercadores da luz vindos de outras paragens, ter me dedicado à pesca nos mares da melancolia. Eu poderia ter sido uma sereia e feito alguém feliz. Eu poderia ter sido um instante de brilho, um simulacro de fogos de artifício. Eu poderia ter sido esse vazio.

Danieli

Certas palavras são como as pessoas, não envelhecem bem. Mesmo assim viajam de boca em boca, sem qualquer utilidade. Como o mouro entalhado em ébano ao pé da escadaria daquele hotel de Veneza. Cada vez mais solitário, inútil, esquecido.

Última testemunha de uma época invisível.

Sem rumo

Tudo desaparece da minha mente. Resta um borrão de tinta que desenha por conta própria a estranha hidrografia da memória.

A eternidade circular

Se alguém interrogar as regiões celestes para perguntar os seus segredos, bilhões dos seus sócias elevam, ao mesmo tempo, os olhos com a mesma pergunta em mente e todos esses olhos se cruzam.

Louis-Auguste Blanqui

Eu e minha mãe tínhamos o mesmo sangue, a mesma genética, mas não éramos carne e unha, não éramos uma família. O parentesco que nos unia era mais íntimo e secreto, como se fôssemos sócias – uma o duplo da outra – e vagássemos pelo espaço e pela roda do tempo. A eternidade conforme os astros, diria Blanqui. Aquilo que minha mãe havia vivido quando jovem, eu reconhecia no meu presente. Na roda do tempo, nos cruzávamos em perpétuos deslocamentos. Carregávamos um mesmo e eterno destino.

Sabíamos tudo uma da outra e para que essa comunicabilidade não se rompesse em momentos de crise minha mãe sempre repetia: *nem tanto ao mar, nem tanto à terra*. Sua intenção não era aconse-

lhar ponderação, mas me enviar uma indicação mandatória e precisa do lugar para onde deveríamos nos dirigir: aquele vão construído entre a escuridão e as constelações.

Minha mãe descobriu esse lugar alguns invernos depois de meu pai ter morrido. Sem que tivesse se dado conta, inventou um novo passado e o fez com tanto empenho, que apagou da memória o momento da sua morte. Ter escolhido o esquecimento foi libertador. Era como se ela tivesse se inspirado no verso de Pessoa que nunca leu e que eu gostaria de ter escrito: *“faço paisagens com o que sinto”*.

Nunca mais pensou em se casar simplesmente porque a viuvez jamais se tornou seu estado civil.

Minha mãe continuava percorrendo o universo, atravessando mundos para encontrar meu pai. E o encontrava, embora sempre

retornasse como se não tivesse saído de onde sempre esteve, como se não tivesse transcorrido um segundo sequer.



Celuta Machado mora em Florianópolis e acredita que esta escolha foi gerada, inconscientemente, por uma alegoria geográfica, expressa por Barbara Cassin: "Em sua finitude, uma ilha é um ponto de vista sobre o mundo."



Débora
Camila
Brasil

A fresta do tempo

Não foi um grande acontecimento que me trouxe de volta.

Não houve anúncio, nem revelação, nem nenhum daqueles momentos que costumam justificar mudanças importantes.

Foi um cheiro.

O cheiro de café queimando levemente na panela, como acontecia na casa da minha avó quando ela se distraía por alguns segundos a mais do que deveria.

Eu estava apenas atravessando o dia. Nada em mim pedia lembrança. E ela me encontrou antes que eu pudesse me defender.

Durante anos, achei que esquecer era um processo limpo, quase organizado, como quem fecha gavetas e perde as chaves. Mas não é assim. O esquecimento também acumula poeira. Ele não apaga, ele cobre.

E basta um instante distraído para que tudo volte a aparecer.

O cheiro entrou sem pedir licença e, de repente, eu já não estava mais na cozinha do meu apartamento. Eu estava de novo naquela casa antiga, com azulejos frios e uma janela sempre aberta para o quintal. Havia um rádio baixo tocando qualquer coisa que ninguém escutava com atenção. Havia também uma colher de pau apoiada no canto da pia, como se o mundo pudesse esperar.

E havia ela. Minha avó não dizia muito. Ela fazia. O gesto era sua forma de linguagem. O café queimado era quase um código secreto. Bastava senti-lo para saber que, por alguns instantes, ela tinha se deixado levar pelo tempo.

O aroma se espalhou pela cozinha como quem sabia o caminho. Não trouxe o café de volta. Trouxe o tempo. Não o que segue em frente. O que permanece quieto dentro das coisas, até que um cheiro, uma luz ou um silêncio o desperte.

Sentei-me sem perceber. Ou talvez já estivesse ali desde antes. Algumas lembranças não voltam, apenas esperam que alguém abra a porta.

Fechei os olhos e, por um instante, não precisei explicar quem eu era. Não havia versões de mim. Não havia depois nem antes. Apenas a sensação estranha de estar inteiro dentro de algo que eu tinha esquecido que ainda me pertencia.

O cheiro do café queimado durou pouco. Bastou para que a cozinha de agora cedesse lugar à antiga. Depois, como tudo o que é frágil

demais para permanecer, ele foi embora, mas algo ficou. Não a lembrança exata, isso seria simples demais.

Ficou a sensação de que existe uma vida inteira adormecida dentro das coisas mais comuns.

Agora, sempre que o cheiro do café se aproxima de qualquer lugar onde eu esteja, não confio mais na estabilidade do presente. Porque sei que basta um segundo distraído para que o tempo abra uma fresta.

E, por essa fresta, eu volte a ser quem eu nem lembrava que ainda era.



Débora Camila Brasil é nascida em Belém/PA, foi criada em Brasília/DF. É Servidora Pública Federal, Escritora e Taróloga. Integra coletivos literários e revistas digitais, e, em 2026, participa de mais de 50 antologias com lançamentos na FLIP e na Bial Internacional do Livro de São Paulo.



*Dênnis
Carneiro*

Musca domestica

Paulo soergueu a sobancelha. Será mesmo que aquilo era possível? Checou a informação no celular. Sim, era mesmo. Em um quadrinho tão pequeno de uma revista de curiosidades, algo sórturo: a *Musca domestica*, a mosca de casa, aquela mesma que tantas vezes Paulo tentou matar com as mãos, tinha um tempo médio de vida de quinze a trinta dias.

Pensou logo em como desperdiçavam sua curta existência. Já tinha visto uma daquelas ficar parada por quatro a cinco minutos na mesma posição. Andavam na toalha de mesa. Iam de um lado para o outro sem qualquer objetivo. E pior, mesmo com asas, andavam!

Com otimismo, trinta dias. Esse era o tempo para nascer, reproduzir e morrer. Começou a pensar no que faria se fosse uma mosca. Com certeza não andaria a esmo. Voaria o quanto suas asas permitissem. Iria de bar em bar e provaria dos mais variados sabores.

Ficaria longe de luzes, raquetes elétricas e copos cheios. Já havia visto muitas moscas morrerem afogadas desse jeito.

Talvez se apaixonasse. Não por uma, mas por várias moscas. Era um tempo curto demais para apenas uma paixão. Viajaria e de cada lugar guardaria uma aventura. Não ficaria só preocupado em juntar uma quantia enorme de dinheiro de mosca.

Se preocuparia com as moscas mais jovens. Tentaria dar conselhos, mostrar que nem tudo é serviço e que se divertir é preciso. Bons amigos em boas toalhas de mesa: esse seria o sentido da vida. Talvez até escrevesse um livro sobre isso. Paulo lembrou de seu próprio livro engavetado há anos. Se fosse uma mosca, já o teria publicado.

Quando estivesse perto do fim, daria uma grande festa, saudaria seus amigos e diria adeus a todos os que lhe fossem caros. Paulo riu de seu devaneio. Pegou seu celu-

lar e foi ver um pouco das redes sociais. Ficaria ali por mais quatro horas. Ele não era uma mosca.



Dênnis Penna Carneiro nasceu em 22/04/1992, filho de pai dentista e mãe professora de português, desde cedo se apaixonou por literatura. É médico por profissão e escritor por paixão. É autor do romance "A cidade de Giges".



Farlley
Derze

Uma existência

Sonhei que era um boneco de metal movido à corda. Uma mulher rica, de uma elegância ímpar, me avistou na vitrine de uma loja de brinquedos, parando em frente como se eu fosse a única coisa no mundo por instantes. Ignorando o alvoroço da Avenida Rio Branco e o fluxo incessante de pessoas na calçada, ela abaixou os óculos escuros para me observar melhor. Eu estava acomodado em uma almofada de veludo vermelho, um acabamento requintado que parecia quase mágico.

A mulher consultou seu relógio, que marcava 12h47min, e, após um instante de indecisão, recolocou os óculos e adentrou à loja. Fiquei me perguntando se sua visita era por minha causa ou se a almofada, também à venda, era o que realmente atraía seu olhar. Ouvi, então, o som da chave na porta da vitrine, e a vendedora me pegou com delicadeza.

Meu corpo de metal cintilava sob as luzes fluorescentes do teto, res-

saltando as cores vibrantes que adornavam meu traje de palhaço. A mulher dos óculos escuros perguntou: “É de corda ou pilha?” A vendedora levantou meu chapéu, dando corda com um gesto cuidadoso, antes de me colocar em pé sobre uma bancada. Minha cabeça começou a girar, meus braços se moviam para cima e para baixo em uma coreografia perfeita, como se dançasse a música de uma alegria.

“Ele não anda?” — questionou a mulher, sua voz denotando uma expectativa inquieta. A vendedora explicou que os modelos que andavam costumavam estragar rapidamente: quedas, tapetes, desníveis... A mulher compreendeu e começou a abrir sua bolsa. Minha cabeça foi parando de girar, um movimento tímido perante a fragilidade do momento. Com um gesto sutil, ela entregou o cartão de crédito à vendedora. “Embrulha para presente, por favor”, pedi, com uma entonação que misturava firmeza e hesitação.

Saí da loja cercado pelo silêncio da embalagem que me envolvia com um isopor que me isolava do mundo exterior, enquanto o barulho da cidade diminuía à medida que ela se afastava para uma rua de pedestres. O ritmo dos seus passos era regular, talvez por conta do salto alto, e o eco dos mesmos se perdia na vastidão do cimento. Então, de repente, ela parou; um celular vibrava na bolsa. “Alô”, ouvi a sua voz, e com um esforço tentei girar minha cabeça para escutar, mas o isopor e a fita de seda que prendia meus membros não permitiram.

As palavras que se seguiram foram carregadas de um peso melancólico: “ainda não”, “já achei um presente”, “não precisa ir comigo”. Um longo silêncio se fez, onde eu ouvia apenas seu esforço para conter a respiração. Entre soluços e gemidos, a dor dela penetrava em mim, e eu, com meus olhos pintados de felicidade, sentia que a mulher estava sofrendo, e isso me deixava envergonhado.

Os passos recomeçaram, interrompidos por uma nova voz: “Posso ajudar?” A mulher, com a

voz suave, pediu o livro “Poemas Negros”. Não escutei a resposta do vendedor, mas deduzi que um gesto a fez seguir em frente. Logo, ela parou, e a voz do homem retornou, lamentando que o último exemplar havia sido vendido. O agradecimento dela ecoou numa tristeza que pairava no ar. Ao sair, o tumulto da metrópole cresceu novamente ao nosso redor.

Poucos minutos depois, ouvi o ruído de um carro estacionando. A porta se abriu, as palavras da mulher ecoaram: “Cemitério São João Batista, por favor”. O burburinho da cidade ficou abafado no carro. Ela pediu ao motorista para ligar o rádio em qualquer estação. O som de uma canção familiar preencheu meus ouvidos, fui tomado por uma nostalgia: a voz da Elza Soares cantando “Malandro”, de Jorge Aragão. O artesão que me criou, numa oficina de Madureira, sempre escutava essa música.

Quando o carro parou, a porta se fechou e o motor se afastou. Os passos dela, agora solenes, reverberavam no chão. O celular vi-

brou outra vez: “Oi”. Novamente, tentei girar minha cabeça, sem sucesso. “Já estou aqui, não precisa vir.” O meu coração de metal afundou de preocupação, e minha mente viajou para lembranças de histórias de separações que ouvi em conversas alheias.

Mas os passos da mulher trouxeram-me de volta ao presente. O choro dela irrompeu, e de repente, uma voz masculina: “Me perdoa, estou aqui com você”. Ouvi os dois chorando, senti uma taquicardia. Nenhum palhaço deseja ver lágrimas. Queria esticar meu braço, mas o isopor me limitava. Então ouvi o estalar do papel, e a luz tomou conta dos meus olhos prateados.

O homem se abaixou, desfez o laço que me prendia e, com a voz embargada, disse: “É lindo, do jeito que ele queria”. O homem me entregou a ela. A mulher, então, abaixou os óculos escuros e me beijou. Uma lágrima pura e salgada caiu sobre a tinta da mi-

nha roupa. Ela se agachou, deu-me outro beijo e me posicionou ao lado de uma lápide.

Li as palavras gravadas:

“NOSSO ETERNO ARTHUR DENICOL 2019–2024”.

O casal se abraçou com os olhos fixos em mim, como se eu fosse uma memória sem futuro. Depois, o casal se virou e desapareceu da minha visão. Isso foi há três anos.

Hoje, a chuva cai como de costume no Rio de Janeiro. A ferrugem cobre meu corpo sem uma existência que poderia ter sido cheia de brincadeiras e de sorrisos.

Ontem vieram retirar a criança, envolta em um saco azul-celeste tão lindo! Ouvi o sussurro dos seus ossos. Eu me pergunto: por que não pude ir junto?

Eu queria ter feito essa criança sorrir.



Farley Derze é pós-doutor em Estética e Semiótica, pianista premiado em Dubai e membro da Academia de Letras e Música do Brasil. Reconhecido pelo Dicionário Cravo Albin, autor de dezenas de livros, suas composições e seus textos exploram as sutilezas da existência numa linguagem que transita entre a música e a palavra.



*Geraldo M.
Pereira*

Sesfedrinho, o coelhinho da vida

Quando completou oito anos, no mês de maio, Ignácio ganhou um coelhinho. Era um animal pequeno, cinza da orelha aos pés, olhos negros. Cheirador de tudo, especialista em reconhecer o mundo pelos seus odores.

— Talvez assim este menino aprenda a abrir a boca.

Ignácio não falava com ninguém. Não gostava. Falar lhe deixava nervoso. Preferia ver a ouvir. Se possível fosse, para ele o mundo seria mudo. E em cores. Não todas as cores, somente as cores frias. Passava horas olhando pela janela, vezes tantas para a janela. Gostava do vidro, pensava nos motivos de ser capaz de ver através dele e, ao mesmo tempo, vê-lo. Coisas estáticas lhe divertiam. Saboreava o armário duro, quieto, passivo. Dias de vento davam-lhe uma sensação estranha de coisa querendo subir pela pele. Por isso sempre se agasalhava bem. Coisas do mundo que se movem poderiam, subitamente, querer se mo-

ver em si. Sentia nojo da vida. Não de viver. Era uma coisa sua com as coisas que se mexem. Sentiu enjoo ao perceber o coelho se movendo. Ignácio nunca deixou de lhe tratar bem. Evitava ao máximo tocá-lo. Não gostava dos seus pelos macios.

— Qual nome vai dar pra ele? A raça dele é cabeça-de-leão.

Ignácio procurou não olhar o animal inquieto. Apenas se aproximou dele quando, fisgado pela fome, o bicho foi se alimentar.

— Vamos chamá-lo de Alegria?

— Não, pode ser qualquer coisa. Coloca Sesfedrinho. Nosso filho não se importa mesmo.

O pai, sempre ocupado, enchia no corredor uma caixa com suas coisas de pai. Elas tinham fundamental importância para a sua vida. Ignácio entendia que, por ter vindo depois, estas coisas tinham naturalmente maior prioridade.

Ignácio sorriu discretamente. Olhou para o pai, sentiu náusea. Foi até uma escrivaninha, onde se encontravam papel e lápis de cor. Com o lápis azul claro, escreveu: “Sesfedrinho”. Com o azul escuro: “Alegria não”. A mãe o abraçou. Emocionada, beijou-lhe a testa. Não sabia explicar, mas o cheiro e os movimentos da mãe não lhe causavam asco. Dava calor. O cheiro da mãe não era cheiro do mundo, era cheiro da mãe. Ficou ali no tão bom que quase dormiu.

— Vamos, querida, preciso ir trabalhar.

O coelho crescia rápido, muito ativo e atento a tudo. Ignácio o alimentava, cuidava, sempre com nojo. Sesfedrinho percebia o desconforto do menino e ia fazer suas coisas de coelho. Por que o cheiro do pai não era como o cheiro da mãe? Ignácio pensava enquanto fazia círculos sobre o que havia escrito: “Alegria não”. Circulou com lápis de cor preto até sumir. Sesfedrinho, o nome que escolhera, deixou como estava. Era o nome que o pai havia dito. O pai tinha cheiro de distân-

cia, abraço de obrigação, beijo de não me lembro, aceno de adeus mesmo. O menino Ignácio completara oito anos de idade.

— Não entendo como aprendeu a escrever e não fala uma palavra.

Todas as semanas, durante cinco dias, Ignácio ia à tarde para a escola. Era um lugar cheio de gente e outras crianças. Gostava da mulher que o levava para um cantinho da sala e o ensinava muitas coisas. O nome dela era Professora. Dela, não queria mais nada, apenas as letras. Segurava o nojo que sentia do seu cheiro, apenas por causa das palavras que ela o ensinava a escrever.

Ignácio gostava de limpar a enorme gaiola em que Sesfedrinho habitava. Mas era uma casa de acolhida apenas para as horas de dormir. O quintal era grande, enorme. Todos os dias o animal cavava seus buracos, cheirava suas plantas, vasculhava cada canto. Ignácio nunca deixou de lhe tratar bem. Evitava ao máximo tocá-lo. Não gostava dos seus pelos macios. Uma vez por mês, a mãe levava Sesfedrinho ao

veterinário. Ignácio nunca foi. E não se importava com o que acontecia lá. Gostava que o coelho voltava sempre limpinho. E com cheiros estranhos. Por isso o evitava até o bicho tomar novamente seu cheiro natural, com o qual se familiarizara, embora ainda lhe causasse grande desconforto.

Habitualmente, Ignácio observava o vidro, pensava nos motivos de ser capaz de ver atrás dele e, ao mesmo tempo, vê-lo. Passaram-se quatro meses de maio quando a casa se agitou. Era véspera do dia em que, quatro anos antes, Sefedrinho havia chegado.

— Vem aqui, meu bem, preciso falar com você. — A mãe estava triste, não parava de chorar. Ignácio a abraçou; era talvez o certo a se fazer. Também lhe confortava seu abraço. A casa estava barulhenta, confusa, e ele preferia ver a ouvir. Se possível fosse, para ele o mundo seria mudo. E em cores. Não todas as cores, somente as cores frias. E algumas quentes.

— Fique com ele, vamos arrumar as coisas do velório.

Ignácio voltou para seu quarto. A mãe, chorosa, dava-lhe a mão trêmula. Ele queria soltar, mas era a mãozinha da mamãe.

Ela deitou na sua cama. Ele, por sua vez, acomodou-se sobre cobertas estrategicamente acondicionadas em um cantinho que dava vista para a janela. Sefedrinho aninhou-se em seu colo. O bicho, ciente de que o menino não gostava de movimentos, controlou inclusive sua respiração. Apenas o olhava com ternura. Ignácio ficou assim com o seu amigo coelhinho até que os adultos viessem buscá-lo.

— Vem cá, meu amor, precisa trocar de roupa. — A mãe estava com os olhos vermelhos, seu cheiro bom agora estava triste. Ignácio preferiu não a abraçar novamente. Vestiu as roupas que a mãe escolheu.

O pai estava mais bonito naquele dia. Ignácio tentou lembrar de quando o viu tão bem arrumado. Coisas estáticas lhe divertiam,

mas ver o pai estático daquele jeito não foi divertido. O cheiro das flores que o rodeavam, porém, era estranhamente agradável. Não entendia os abraços e lamentos. Entreteve-se contando as flores. As pessoas demoravam olhando seu pai, cujas mãos postas brilhavam como se tivessem sido enceradas. O pai não era de rezar; por que agora rezava tanto? O choro da mãe o incomodava. A cada flor que contava, imaginava a mãe apenas sorrindo e o abraçando. Sem a mistura de cheiro bom com tristeza.

Todas as semanas, durante cinco dias, Ignácio ia pela manhã para a escola. Era um lugar cheio de gente. Gostava da mulher que o levava para um cantinho da sala e o ensinava várias coisas. Era a professora. Dela, não queria mais nada, apenas as letras. Segurava o nojo do seu cheiro, apenas por causa das palavras que ela o ensinava a escrever. Naquela semana ele não foi para a escola.

Ignácio soltou Sefedrinho no quintal. O coelhinho corria de um lado a outro, serelepe. O menino

não parava de pensar nas flores e de como o pai estava confortável.

Uma vez por mês, a mãe levava Sefedrinho ao veterinário. Ignácio nunca foi. E não se importava com o que acontecia lá. Gostava, pois o coelho voltava sempre limpinho. E com cheiros estranhos. Por isso o evitava até o bicho tomar novamente seu cheiro natural, com o qual se familiarizara, embora ainda lhe causasse leve desconforto. Ignácio gostava de limpar a enorme gaiola em que Sefedrinho habitava. Mas era uma casa de acolhida apenas para as horas de dormir. Ativo, o coelhinho acompanhava Ignácio sempre com inteligência, respeitando seu tempo e sua hora. Não exigia do menino nada do que ele não pudesse oferecer. E do rapaz que se formava tudo o que ele quisesse dar.

Passaram-se dez anos. Ignácio observava o vidro. Sefedrinho estava velho. Não estava idoso, estava velho. São coisas diferentes. Quase não se movia, mas sempre olhava para Ignácio com ternura. Ignácio soltou Sefedrinho no quintal. O coelhinho an-

dava vagaroso, feliz por sentir a sujeirinha da terra. O rapaz nunca deixou de lhe tratar bem. Evitava ao máximo tocá-lo. Não gostava dos seus pelos ásperos. Uma vez por mês, a mãe levava Sefedrinho ao veterinário. Ignácio, desta vez, foi junto. Ficou do lado de fora, pois não se importava com o que acontecia do outro lado das portas. Gostava que o coelho voltava sempre limpinho. E com cheiros estranhos. Por isso, desta vez pediu à mãe, em um bilhete, que não tirasse de Sefedrinho seu cheiro natural, com o qual se familiarizara, que já não lhe causava desconforto. Do lado de fora, as pessoas faziam coisas de gente. Ignácio queria ir para o seu quarto, onde podia inventar suas próprias cores e contar a certa distância quantos pelos de Sefedrinho conseguisse. E olhar pela janela. Para a janela. E para as coisas estáticas ao seu redor.

Naquele mês de maio, a mãe levou Sefedrinho ao veterinário muitas vezes. Ignácio não gostava daquilo. O normal era uma vez apenas. Na terceira vez não quis mais ir. Preferia esperar no

quarto. Certo dia, a mãe chegou com uma caixa de papelão e a deixou sobre o armário. Ignácio não gostava da caixa de papelão. Escreveu pedindo que a mãe a trocasse por uma de acrílico, que fosse transparente.

Ignácio gostava de limpar a enorme gaiola em que Sefedrinho habitava. Sefedrinho passava horas dentro dela, com seus movimentos cada dia menores. O rapaz lhe fazia companhia. Colocava luvas e o retirava com cuidado para fazer a limpeza diária. Sefedrinho o olhava com ternura. Seu amigo não entendia. Apenas limpava a enorme gaiola.

A mãe não levava mais Sefedrinho ao veterinário. Pediu a Ignácio que, em vez das comidas sólidas, desse ao velho companheiro uma comida pastosa. Duas vezes ao dia pedia que ele saísse um pouco do quarto. Foram três dias assim. Até que Sefedrinho não comeu mais e fechou seus olhos de ternura.

Ignácio anotou em uma folha suja de papel que queria flores. As mesmas flores que o pai tinha re-

cebido no último dia em que o viu. Ele ainda se lembrava do pai, mas gostava de lembrar apenas daquele dia em que ele não lhe causou ânsia de vômito pela primeira vez.

Ele colocou Sefedrinho na caixa de acrílico. As flores, uma a uma, acomodou ao redor do amigo. Sem pressa. Queria saber exatamente a quantidade de flores necessárias para deixar um coelho cinza de olhos fechados bem bonito dentro de uma caixa transparente de acrílico. Satisfeito com o resultado, levou até o fundo do quintal, para o lugar onde a mãe havia cavado um buraco. Ignácio não conseguia entender o motivo de seu coração parecer apertado. Entendeu menos ainda quando, olhando o corpinho peludo de seu amigo cinzento imóvel dentro da caixa de acrílico, uma lágrima teimosa fugiu do seu olho direito e desceu suavemente pelo seu rosto. Ignácio não colocou o amigo na cova. Queria vê-lo ainda no outro dia. Por horas o vigiou parado. Depois de algumas horas, a mãe apertou suavemente seu ombro.

— Você precisa comer e dormir.

Todas as semanas, durante cinco dias, Ignácio ia pela manhã para a escola. Era um lugar cheio de outros adolescentes. Gostava da professora que o levava para um cantinho da sala e o ensinava várias coisas. Dela, não queria mais nada, apenas as letras. Segurava o nojo do seu cheiro, apenas por causa das palavras que ela o ensinava a escrever. Naquela semana ele não foi para a escola.

No outro dia, voltou até onde a caixa se encontrava, à beira do buraco que a mãe cavara. Sefedrinho permanecia imóvel. Reconitou as flores que conseguiu, pois não poderia tocar no local onde seu amigo repousava. Elas começavam a murchar. Sefedrinho permanecia imóvel, o que Ignácio percebia com estranha agradabilidade. Não mais o tonteava o ir e vir serelepanete do amigo acinzentado.

No terceiro dia, Sefedrinho havia ficado maior. Começava a exalar um cheiro estranho, mas que não incomodava Ignácio. O vento, porém, insistia e lhe causava re-

pulsa ao tocar sua pele. No quarto dia choveu e o rapaz limpou a enorme gaiola que pelos últimos dez anos fora a casa do seu amigo. Pelo menos agora ele poderia sentir as coisas do mundo o tempo todo livremente.

O sol esquentou forte no quinto dia. Bem cedo, Ignácio foi ver como Sefedrinho estava. De longe sentia o cheiro desagradável. Aproximou-se com dificuldade. Na caixa de acrílico, a vida fervilhava. Eram milhares de seres brancos, pálidos e amarronzados. Muitos voejavam. Ignácio ficou profundamente enojado.

— Querido, preciso que entre agora. — A mãe sabia de muitas coisas. Certamente iria cuidar bem de toda aquela vida. Ignácio entrou no quarto. Em uma folha de papel nova, anotou: “*Sefedrinho virou vida.*”

Os dias passaram. As noites também. Ignácio se irritava por não conseguir fazer círculos perfeitos. Embolava folhas e mais folhas de papel. Cansado, sentava na cama e olhava fixamente as coisas estáticas do quarto até dormir.

Ignácio ia para a escola sem graça, limpava a gaiola sem coelho. Não se falava mais em veterinário.

A mãe entrou no quarto. Sentado na cama, Ignácio não olhava para a janela. Mirava a parede branca.

— Eu gosto do cheiro da mãe. — Foi a primeira e última vez que palavras saíram da sua boca. Não entendeu quando a mãe chorou e o abraçou fortemente.

— Também amo muito seu cheiro, meu amor. — Suas lágrimas vertiam com o riso. — Você quer outro coelhinho? — Ignácio lhe entregou um bilhete, no qual se lia:

“Sefedrinho é o coelhinho da vida. Ele não morreu. Ninguém morre, afinal. Sefedrinho virou um tanto de outras vidas, eu vi. Será que o pai virou vida também? Sefedrinho é o coelhinho da vida. Quando a gente morre, é para nascer mil vezes outra vez.”

No outro mês de maio, a mãe trouxe outro coelhinho. Ignácio coçou os pelos ralos que cresciam no seu rosto e sorriu. Era um coelho pequeno, branco e de olhos

vermelhos. Ignácio o acomodou na antiga gaiola de Sefedrinho.

— Qual o nome vamos dar para ele?

O rapaz pegou uma folha de papel e desenhou nela círculos perfeitos. A mãe o abraçava, olhando pela janela. O coelhinho branco sem nome reconhecia sua nova casa.



Geraldo M. Pereira é natural de Curvelo, Minas Gerais. Autor do romance *As desventuras de Imago no absurdo curvelano* e dos livros de identificação botânica *Flora do Centro Mineiro volume 1* e *Flora do Centro Mineiro volume 2*.



Isabella
Lima

Sinapses

Os neurônios restantes daquele mal de Alzheimer se mantiveram firmes para não deixar que tudo se esvaísse. Já não havia fala, movimento, sequer som... mas permanecia expressão. Expressão espelhada, mas expressão.

Se mantinham “axionizados”, funcionando, “resquiciando”. Perdendo, para dar aquele quê de emoção. Fictício, mas emocional. O corpo já não sentia nada; os que eram responsáveis pela termorregulação desistiram tempos antes daquele. Também não havia interpretação. Nem som. Som, na realidade, até tinha, mas não era sonoro: era ruído. Bagunçado, incomodado.

Dos parentes vinha pena. Sentimentos de impotência, tristeza, vergonha... e, sobretudo, a sensação de fardo. Sentiam peso. Aquela casca vazia; desnutrida, pesava... nos dois sentidos. Mas como?

Falavam sem pudor o que achavam que deveria ser dito. Não en-

tende mesmo, pensavam. Traduziam suas frustrações uns para os outros ali mesmo... que se lasque, é a verdade! Sentiam, sentiam, sentiam e falavam. Esboçavam.

Os outros neurônios já se desprendiam. As sinapses já estavam cansadas. Não existiam mais informações importantes chegando a lugares importantes. Era um local difícil, cinzento e “desaxôniado”. Mas havia os que agarravam as expressões: sem sentido, mas ainda assim ficavam. No fim, todos já tinham ido embora, desprendido das mãos e deixado lacunas. Só se seguravam esses dois. Persistentemente.

Para os parentes, a casca ainda via felicidade e tristeza. Mas isso não era motivo para algo desvitalizado ser normalizado como se tivesse vida. Ver não é entender. Nem sentir. Repetiam o bocejo, mas não era genuíno; logo, não era real o sorriso naquela manhã em que passavam pessoas rindo, felizes por estarem comendo

pão com tomate. Era falso. Deus podia levar logo. Não tinha verdade em nada daquilo. Não era tristeza de verdade quando franzia o cenho depressivo durante uma cena de briga. Era irreal. Inverdade. Sem verdade alguma.

As luzes estavam se apagando, voltavam de relance, na esperança de ter a presença de alguém ali. Mas não tinha. Era poeira densa, que tocava no chão e dava a sensação de movimento. Os neurônios não entendiam a diferença, sequer os parentes. Não havia nada... Só reproduções; plágios. Eco e silêncio. Eram fitas reprodutivas, preto e branco. Mudam. As vozes entravam de um lado e saíam por outro. Não tinham onde sentar. Não tinham recep-

ção. Nem chegavam a bater e voltar: passavam entre aquele breu. Àqueles espaços que insistentemente permaneciam por ali. Quando entenderam que não havia mais por quê, se desataram, finalmente. Mas para quem?

Logo, chegou o momento em que as luzes não acenderam mais enganadas pela poeira. Tampouco a poeira conseguia mais passar por ali. Não tinham mais recepção... Nada tinha espaço. O lugar não tinha lugar. “Ter” não tinha. Era um conceito inexistente de inexistência. Simplesmente não era: apenas abismo; escuro e desestruturado. Uma ideia desconhecida; apagada, ou nem ao menos inventada. Não tinha começo e não tinha final. E não havia mais onde.



Isabella Lima é escritora e mantém uma página no Substack, onde publica ensaios, contos, poesias e prosas poéticas. Tem retomado recentemente a prática de escrita autoral, explorando diferentes formas de expressão literária.



*Ivana
Mayrink*

Trânsito

O asfalto de Belo Horizonte é uma ferida exposta, purulenta e escancarada, que se recusa terminantemente a cicatrizar sob o chicote implacável do sol das duas da tarde, esse carrasco astral que castiga o concreto sem piedade. O mormaço, transformado em uma massa física, sólida e malignamente transparente, pousava sobre o capô incandescente dos carros, como um animal pré-histórico devorando a carcaça do progresso. Essa temperatura insuportável distorce o horizonte em ondulações de puro delírio visual, transformando a Avenida Amazonas em um cenário de pesadelo febril.

O forte impacto foi o grito do metal contra a carne. Um estalo obscuro de carcaças de aço se beijando por descuido e cansaço. Não houve o sangue. O que ficou foi a coreografia medíocre de lanternas traseiras estilhaçadas. O engavetamento fora uma síncope no fluxo da artéria entupida, revelou a fragilidade de uma cidade

que se sustenta no equilíbrio precário de milhões de vontades isoladas. A hostilidade, que antes era uma fumaça latente, condensou-se: motoristas abandonaram suas clausuras climatizadas para trocar insultos. O que o asfalto expunha era a falência de um sistema onde o deslocamento é uma guerra de centímetros e onde o direito de ir e vir naufraga em um mar de para-choques desalinhados e geolocalizadores imprecisos. A tecnologia de ponta não é capaz de desatar o nó de uma mobilidade planejada para o colapso.

A cidade para. Belo Horizonte morre sob o peso da estagnação térmica. O metal dos veículos, em um processo de ebulição silenciosa, ferve a ponto de ameaçar a integridade da pele que ousar tocá-lo, enquanto o ar se torna intragável. O odor nauseabundo de borracha derretida se mistura ao monóxido de carbono expelido pelos escapamentos, criando uma atmosfera asfixiante que compõe a comunhão final e trágica dos de-

sesperados, todos enclausurados em suas próprias bolhas de metal e angústia existencial, onde o oxigênio parece ter sido substituído por uma poeira ácida e sufocante.

Lá dentro, naquela cápsula de isolamento, o silêncio era um produto de luxo caríssimo e opressor, adquirido para extirpar a existência do outro. O sistema de climatização, operando em sua potência máxima de congelamento artificial, emitia uma vibração metálica e estéril que tentava, em um esforço inglório e patético, anular a pulsação suja do mundo exterior. O homem de terno impecável cujas mãos crispadas denunciavam o ódio, cravava os olhos no relógio de pulso, uma peça de engenharia suíça cujo valor pagaria décadas de subsistência lá fora. O ponteiro dos segundos movia-se com a frieza de uma faca de guilhotina, cortando, a cada tique-taque, os farrapos que ainda restavam de sua autoridade soberana.

Ele, o arquiteto de fluxos transnacionais de capitais e executor de demissões sumárias via e-mail, via-se agora degradado à condição de refém de um engaveta-

mento anônimo e vulgar. A hostilidade borbulhava em seu peito, uma bile negra que o fazia amaldiçoar a lentidão dos miseráveis e a ineficiência do asfalto. Cada batida de seus dedos no volante de napa era um golpe seco contra o destino que ousava interromper sua trajetória. O luxo do couro e da madeira de lei do painel tornavam-se uma prisão dourada e asfixiante; ele sentia um desprezo visceral pela própria imobilidade, enquanto sua mente, habituada a atropelar obstáculos com a força do dinheiro, colidia inutilmente contra a barreira intransponível de uma cidade que parou de lhe obedecer.

A blindagem do carro não é apenas contra balas; é contra o cheiro do povo, contra o calor que derrete as convenções. O interior do veículo exalava um perfume de “carro novo”, uma fragrância que agredia as narinas com sua perfeição química, tornando o ar-condicionado tão gélido que a pele começava a arder em um desconforto paradoxal. O tempo começava a desferir golpes invisíveis contra o seu rosto. O homem, cu-

jas iniciais de ouro no punho da camisa pareciam agora algemas brilhantes, sentia uma violência súbita e avassaladora: a impotência que subia pela garganta como um gosto ferroso de derrota. Naquele instante de estagnação febril, ele percebeu-se como um deus deposto e ridículo, solitário em seu trono de couro e madeira nobre, cercado por seiscentos cavalos-aprisionados sob o capô incandescente, potências inúteis que não tinham para onde galopar enquanto a cidade, lá fora, ria de sua paralisia dourada.

Lá fora, a mulher caminhava cambaleante entre as carcaças de metal que exalavam um bafo de dragão adormecido. O sol de Belo Horizonte era um chicote invisível que golpeava suas costas curvadas, deixando marcas que nenhum pano gasto poderia esconder. Ela carregava, com o esforço, o peso morto de garrafas de plástico cujas gotas de condensação prometiam um frescor irônico, uma pureza que ela mesma não possuía há muito tempo. Seus pés, metidos em chinelos que eram mais memória do que cal-

çado, estavam calejados pela urgência brutal do pão diário e sentiam, através da sola fina, a vibração das buzinas. Um coro polifônico de desespero e raiva que soava como a trilha sonora de uma demolição iminente, onde a primeira estrutura a desabar seria o seu próprio corpo.

Ela parou, exausta, diante de um bloco negro, liso e insultuosamente reluzente. O vidro daquela máquina era tão profundo e escuro que devolvia à mulher uma imagem turva, um espectro que ela não reconheceu de imediato como sendo sua própria face. Aproximou-se, hipnotizada pela opacidade absoluta que a excluía. O contraste ali estabelecido era uma violência estética em estado puro: de um lado, a sua pele gasta pelo atrito da vida, o suor ácido que traçava sulcos profundos na poeira acumulada em seu rosto cansado; do outro, a perfeição geométrica e inabalável da máquina alemã. Era o encontro do orgânico que apodrece com o inorgânico que brilha; uma colisão silenciosa entre a fragilidade de quem é feito de carne e sede e a solidez

de quem é feito de blindagem e desprezo.

A mulher fixou os olhos naquele vidro de uma escuridão absoluta e não conseguiu divisar a figura humana que se escondia lá dentro; em vez disso, deparou-se com o espetáculo grotesco da própria desintegração refletida na superfície perfeita. Ela estendeu a mão trêmula, uma extremidade de pele ressequida e unhas quebradiças, e tocou a superfície fria do vidro blindado, sentindo o choque térmico entre a sua febre de asfalto e aquele gelo tecnológico. Aquilo não era apenas uma placa de polícarbonato e aço; era uma barreira intransponível, uma fronteira que delimitava onde terminava o mundo dos vivos e onde começava o simulacro dos deuses.

Naquele instante, ela percebeu que, para qualquer consciência que habitasse aquele interior climatizado e estéril, ela não passava de um ruído de fundo incômodo, uma mancha irregular e sem nome na paisagem urbana em decomposição. Ela descobriu, com o coração batendo em descompasso, o horror absoluto de ter se

tornado uma “coisa”, um objeto descartável no meio da via. Ela não era mais uma mulher, uma mãe ou uma vendedora tentando aplacar a sede alheia; ela era o nada que o vidro escuro insistia em refletir. Aquela súbita consciência da própria inexistência doía com uma pontada muito mais aguda e profunda do que as cólicas da fome. Ela percebeu ser o avesso trágico de um espelho que, por um pacto de classe, decidiu não revelar o humano a ninguém.

O homem, protegido em seu conforto e seu silêncio absoluto, viu a palma da mão dela tocar a integridade do seu vidro. Para ele, aquele contato de carne suada e poeirenta era uma invasão bárbara, um assalto simbólico à sua propriedade e ao seu sossego. Seus olhos, habituados a gráficos de produtividade e planilhas de lucros, não enxergaram uma pessoa dotada de biografia; viram apenas um sintoma da decadência social, um entrave orgânico e lamentável à sua tão desejada fluidez de movimento. O olhar daquela mulher, que buscava desesperadamente uma única centelha de reconheci-

mento mútuo, uma prova de que ambos pertenciam à mesma espécie, encontrou apenas a opacidade negra e muda do privilégio. Ele não baixou o vidro; ele não desviou o rosto; ele apenas esperou que o apito agudo do policial liberasse o caminho para que pudesse atropelar a existência dela com o seu silêncio motorizado.

O homem sentiu um nojo subir pela garganta ao presenciar aquela mancha de suor e necessidade no vidro de seu refúgio. Era uma repulsa eletrizante que, nas camadas mais profundas de seu ego, revelava-se como o medo pânico de ser contaminado pela realidade crua e sem filtros que batia à sua porta. A mulher, por sua vez, retraiu a mão com um sobressalto, um gesto reflexo de quem acabara de tocar a superfície de um cadáver de luxo. A pele dela, em contato com o vidro, sentiu que lá dentro não havia vida, apenas uma engrenagem de poder que não batia no mesmo ritmo do mundo exterior.

Belo Horizonte soltou um rugido metálico e ensurdecedor. Uma

buzina mais aguda e imperiosa, vinda de algum ponto incerto do caos, rompeu o breve e terrível transe que unira aquelas duas solidões opostas. O engarrafamento deu um soluço patético de dois ou três metros. O carro blindado, impulsionado por uma potência que ignorava o cansaço, avançou com uma arrogância silenciosa, cortando o ar denso e saturado, deixando para trás a mulher, sua sede e seu esquecimento. O homem, ajustando o nó da gravata como quem recupera a dignidade perdida, sentiu o retorno da ilusão de controle sobre o seu tempo e o seu destino. A mulher, contudo, permaneceu estática no asfalto vibrante, mergulhada na consciência aguda e dolorosa de que, naquela engrenagem implacável de aço, fumaça e indiferença, a dignidade humana era o único item que não possuía preço, pois já não encontrava mais ninguém disposto a comprá-la.

“Viver é uma alucinação coletiva onde alguns têm o privilégio de sofrer no frio, enquanto outros morrem no sol.”



Ivana Mayrink é graduada em letras, possui especialização em gramática tradicional e escrita científica. Leciona, empreende e escreve. Apesar de um olhar técnico e crítico sobre as letras, produz contos intensos, profundos e subjetivos.



JV
Santiago

Despertar e ser

Que Deus não me livre de ser livre
nem de sonhar me prive,
Mas permita que eu me esquive
deste mundo em declive.

Que as portas se abram
Como uma manhã ao despertar;
Como dias que entonam
Sons de um suave cantar.

Que eu não me olvide,
Mas aceite o convite
Para me entregar à senha do amor:
Sentir a vida em todo o seu esplendor.

Ser, então, um brilho, um ponto,
Uma linha de um infundável conto.
Fantasia deixar de ser, e saber:
Só agora começo a viver.



J V Santiago nasceu em Canoas, Rio Grande do Sul. Licenciado em Letras: Inglês e Português. Trabalhou com tradução, ensino de inglês e participou de trabalho humanitário como voluntário em várias regiões do Brasil. Autor do e-book Vida e Poesia: Poemas e Reflexões.



*Kátia
Medeiros*

Uns olhos

A verdadeira viagem de descoberta não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos.

Marcel Proust

Hoje acordei e quando olhei para o espelho vi olhos que não eram meus. Olhos desconhecidos. Assustado com o inesperado, saí de pressa do banheiro e fui para a cozinha fazer um café e, ao olhar através da vidraça da janela vi, com aqueles olhos neochegados, uma rua que jamais havia visto.

Crianças jogavam bola, andavam de skate, balançavam bandeirinhas multicoloridas. Mães sorridentes brincavam com seus filhos e pais empinavam pipas. Vi flores azuis e cor-de-rosa e vendedores de algodão-doce. Esfreguei os olhos estrangeiros enquanto voltava para o quarto. Ao abrir o guarda-roupa vi, penduradas nos cabides, as mais finas e bem-cortadas camisas que existiam. Colarinhos engomados. Com as calças deu-se o mesmo fenômeno. Ao vestir uma delas, notei o perfeito

caimento. E os sapatos! Engraxados, brilhantes. Os olhos inexplicáveis percorreram o cômodo todo e se arregalaram.

Os móveis e o tapete, a cortina e as almofadas. Cada objeto emanava frescor, como frutas recém-colhidas. Toquei com cuidado o cisne de louça que ganhara de minha irmã três anos antes e que sempre me parecera brega. Que formas delicadas, perfeitamente arredondadas. Os dois pontinhos pretos pintados no lugar dos olhos, tão sutis e expressivos! A toalhinha de crochê sobre a qual ele repousava, um lindo artesanato circular. O velho urso de pelúcia me sorria, cúmplice. Atordoado, sentei-me na cama e, ao olhar para a colcha ainda amarfanhada, percebi os sinuosos arabescos, o cintilante verde das folhas pintadas no rústico tecido.

Procurando me acalmar, pensei em fixar os extraordinários olhos em algum ponto. Vi meus pés. Os dedos eram teclas de um piano e, ao movê-los, percebi como eram harmoniosos. Eu, que detestava meus pés, que os achava grotescos, descobri-os sublimes. Pus-me em cima deles. Andei pelo quarto, apoiado nos magníficos pés e cheguei à cozinha novamente. O café já estava pronto. Tirei do armário a caneca que tinha o desenho da Torre Eiffel e, girando-a entre as minhas mãos, observei a bela miniatura pintada. Com os olhos formidáveis, analisei a obra do anônimo artista e reconheci seu virtuosismo. Os diminutos traços reproduziam com perfeição a torre real. Não restava dúvida de que eu tinha em minhas mãos o cartão-postal francês. O café balançou dentro da caneca e, quando acrescentei o açúcar, vi as ondas adensarem-se e fiquei maravilhado com a fusão do branco pó ao negro líquido.

Vestido e penteado, saí. Os excepcionais olhos regozijavam-se com a urbana diversidade. Contemplei o céu nublado e as calça-

das e percebi que a neutra cor era necessária onde os vermelhos e os roxos cansariam. O esplendoroso azul de uma manhã só existia em oposição ao recatado cinza. Aceitei para o motorista do ônibus escolar que passava sempre àquela hora e buzinava para mim e, pela primeira vez, vi também todas as crianças que ele transportava. Dezenas de pares de olhos, e boquinhinhas, e narizes e covinhas que eu jamais havia me preocupado em ver. Aceitei para elas e recebi uma saraivada de acenos de volta. Não vi com os mágicos olhos, mas senti que meu rosto iluminou-se. Continuei caminhando e conforme avançava conhecia novamente a vendedora de doces e o jornaleiro. Seus novos rostos me assombravam e divertiam.

Parei para atravessar a avenida e vi, com os olhos singulares, como ela era larga e plana e como os automóveis que nela passavam preenchiam as suas faixas e enfileiravam-se, surpreendentemente organizados. Cada um era uma parte que formava um todo que, ora comprimia-se, ora distendia-se, num ritmo comandado pela alter-

nância das cores-batutas do maestro semáforo. Já no lado oposto, detive-me ainda um instante para observar a orquestra inteira pondo-se novamente em movimento.

Decidi me sentar na mesinha de um café. Com aqueles olhos diferentes, eu vi um casal na mesa ao lado que sussurrava mutuamente palavras que eu não pude ouvir. Mas vi que eles se tocavam, se abraçavam e que o homem deslizava suas mãos pelos cabelos castanhos e compridos da mulher. Vi o vestido que ela usava, de um tecido leve, de flores miúdas, que o vento movimentava suavemente. Vi as suas sandálias de couro cru, cujas finas tiras abraçavam seus pés brancos e magros, de unhas pintadas de um tom clarinho, parecido com o da areia. Vi as mãos deles se entrelaçarem, metonimicamente representando aqueles dois corpos, aquelas pernas e braços e bocas. Vi que, apesar de eu poder vê-los, tão perto eu estava deles, eles não podiam me ver, tão longe estavam de mim.

Não sei exatamente quanto tempo fiquei ali sentado. Foi

quando senti um leve toque em meus ombros e, quando me virei, vi um velho e querido amigo. Levantei-me e nos abraçamos e ele sentou-se comigo. Que imenso prazer foi olhar para aquele rosto! Mas eu, que estava com aqueles exóticos olhos, notei nele detalhes que jamais havia percebido. Tinha uma pele tão clara, uns olhos tão negros e, enquanto ele me falava da sua vida, de seu filho recém-nascido, da falta de trabalho, enfiava a mão no bolso da camisa, puxava um cigarro lá de dentro, da outra mão surgia misteriosamente um isqueiro e ele fumava, soltando a fumaça longe do meu rosto. Imaginei se ele, que me conhecia tanto, não teria notado nada de estranho em mim. Parecendo adivinhar meu pensamento, ele disse que me achara bastante mudado, mais jovial e perguntou se eu estava “malhando”, o que me fez rir. E ele riu também, esquecido um instante dos problemas. Passamos juntos um bom par de horas e quando ele olhou para o relógio, preocupado, e disse que precisava ir, que estava atrasado para uma entrevista, foi só então que eu me

lembrei de que tinha um emprego e uma mesa no fundo de uma sala estava à minha espera.

De novo sozinho, procurei com os olhos o casal da mesa vizinha. Eles permaneciam absortos, concentrados na leitura um do outro e eu invejei neles não mais do que o tempo que tinham. Levantei-me e continuei meu habitual itinerário, indo em direção ao escritório. Como de costume, parei na esquina, na drogaria e, mecanicamente, entrei. O senhor de óculos, que diariamente me atendia, veio imediatamente ao meu encontro, oferecendo-me a cestinha amarela. Com os novos olhos, vi naquele sexagenário não só o atendente, mas também o marido, o pai, o avô; o homem que ele era. Estendi minha mão, cumprimentando-o e, embora desconcertado, ele retribuiu o cumprimento e eu pude sentir como eram macias as suas mãos. Então, subitamente, a figura de meu pai surgiu, um marceneiro de mãos rudes, ásperas, que teimavam em deslizar sobre o meu rosto infantil, gesto esse que era seguido por um beijo na testa e um cafuné. Eu sempre

reclamava, arredio, e ele jamais havia ralhado ou se magoado comigo.

Olhei para a cestinha e entendi que não precisava de remédio algum, que eu não tinha nenhuma dor, nem mesmo a rotineira enxaqueca. Agradei ao meu novo amigo e retomei a rua. Aquela lembrança de meu pai desencadeara outras lembranças, que estendiam-se à minha frente, como roupas num varal e me vi influenciado por duas forças opostas, sendo que uma movimentava o meu corpo prospectivamente, enquanto a outra acionava o meu espírito, retrospectivamente. Dessa forma, a cada passo que eu dava para a frente, mais eu me dirigia ao passado.

A conjunção dessas forças antagônicas deu-se a alguns quarteirões dali, mais precisamente em frente ao cemitério em que meu pai havia sido enterrado, cinco anos antes. Eu tinha pisado naquele chão ossívoro apenas uma vez, mas hoje, depositário dos quiméricos olhos, atrevi-me novamente, e entrei. Vi as lápides e li cada nome e descobri alguns

rostos antigos, que sabiam somente repetir adeus, adeus. E cheguei naquela em que o nome conhecido estava entalhado e parei. Repentinamente, reconheci o toque das mãos de meu pai em meu rosto maduro, aspirei o aroma de sua colônia de pinho e salivei com a saudade do seu pudim de pão. Porém, misturado ao sabor doce, uma substância salgada me prendia àquela tarde atual, impedindo que eu me desligasse totalmente dela em detri-

mento das outras, além de marejar os sobrenaturais olhos.

Fiquei ali, de pé, por muito tempo, tanto, que a noite estreou, estrelada, acima de mim e eu, cansado, sentei-me. Depois, deitado, olhei ao redor pela última vez, porque adormeci. Sonhei que despertava e o dia corria normalmente; e os meses; e os anos. E eu morria, cerrando definitivamente os meus adâmicos olhos.



Kátia herdou de seu pai, um açoriano da ilha de São Miguel, o amor pelos livros. Fez mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutorado na Universidade de São Paulo, ambos na área de literatura portuguesa.



Kleber
Luis
Antônio
Pinheiro

O que permanece em silêncio

Há uma casa que não faz barulho
mesmo quando o vento
experimenta as frestas,
mesmo quando os pratos
se acomodam na pia
como ossos de um dia
que ninguém mais reclama.

Eu aprendi o silêncio
antes de aprender meu nome.
Ele estava lá, sentado
na cadeira vazia da cozinha,
esperando que eu chegasse
para não dizer nada comigo.

Há coisas que só se guardam
se ninguém tentar dizê-las:
o cheiro do café que ela fazia
antes de o relógio acordar a casa,
a maneira como a luz
atravessava a cortina
e pousava, sem pedir licença,
exatamente onde ela estava.

Isso não morreu.
Isso aprendeu a ficar quieto,
a se disfarçar de poeira
sobre os móveis,
de mancha d'água no copo,
de vinco na toalha
que ninguém mais estica.

O que permanece não grita.
Não bate à porta,
não acende a luz do corredor
às três da manhã
quando a saudade tropeça nos móveis
do escuro.

O que permanece
é mais parecido com a respiração
do que com a voz:
está ali, sustentando o peito,
sem que ninguém precise ouvi-lo
para saber que existe.

Às vezes eu paro no meio da sala
e sinto o formato de um corpo
que não está mais nela,
mas que deixou, no ar,
uma dobra,
como se o espaço tivesse aprendido
a lembrar sozinho.

Não chamo isso de fantasma.
Chamo de permanência:
a parte do amor
que não precisou de palavras
para continuar sendo verdadeira.

Por isso não temo o silêncio
das casas depois da partida.
Ele não é vazio.
É o lugar onde tudo o que foi essencial
se recolheu
para não se perder no barulho

do que já não importa.

E se um dia perguntarem
o que restou,
direi apenas:
o silêncio.

Porque ele guarda
o que os gritos
jamais conseguiram salvar.



Kleber Luis Antônio Pinheiro é poeta e escritor, paulista radicado no Rio Grande do Sul, onde transforma o cotidiano em matéria de poesia. Escreve desde os 12 anos e desenvolve uma obra marcada pela contemplação, pela memória e pela delicadeza das emoções. Além da literatura, atua como educador social, acreditando na palavra como instrumento de encontro, afeto e transformação.



Lu
Santos

Da poética

O que dizer sobre poesia?
Como descrever esse emaranhado
de palavras,
ritmo,
sonoridade,
emoções,
memórias....?!

Como entender seu efeito
no instante em que atravessa o peito como faca afiada —
liberando sensações indizíveis?
Terreno pantanoso esse...
O que sei — penso que sei —
é que o gozo obtido com a escrita poética
só acontece quando atingidas as profundezas do corpo e da alma:
suspiros brotam no seu fazer
na sua leitura
na sua escuta...

O seu reino é o da transcendência:
A poesia está onde a beleza não se entrega facilmente
[aos olhares apressados e impacientes]:
essa beleza só pode se dar a ver
por trás do que é dito;
nas imagens somente forjadas
por mãos muito hábeis.

Os versos são como cantigas antigas -
tão antigas quanto o tempo;
costumam ser trazidos pelo vento,
não são nossos —

apenas passeiam entre nós
carregando no ventre arquétipos
inscritos que foram no
multi/verso do sagrado
e somente aqueles que aprenderam a ouvir o silêncio
podem melhor saborear desse insólito fruto –
sem que precise entendê-lo.

O terreno aqui é o dos sentidos;
sua semente: o caos interior;
caos que governa a vida;
sempre alimentado pela busca de
um outro tipo de conexão
com o mundo
com os homens
com o universo
cujos versos parimos

Tempo-raís

*Os dias talvez sejam iguais para um relógio,
mas não para um homem.*

Marcel Proust

Os versos são como fragmentos de mim
repousam sempre em lugares
que ignoro
gritam
gemem
cantam
e incendeiam partes inteiras
desse corpo que se es [vai]
sem martírios
ou mutilações visíveis
mas já cansado
atravessado pelo tempo
que dele se apossa
impune [mente]
incansável [mente]

ah, esse maldito tempo
que já me habita sem pedir licença
transmutando-se em impiedoso devorador
— Senhor de mim!

Quase um poema de amor

Sim

eu digo que sim
aquele foi sim
um quase namoro
uma quase paixão
tardia
quase amantes
um amor sustentado em notas
musicais
nuances eróticas
intenso e melancólico
como ecoa o jazz
em noites chuvosas

uma quase felicidade
turva como as águas de um rio
um quase encontro amoroso
um quase beijo
no meio da noite escura
quando todas as portas já se fecharam
e esvoaçantes gotas prateadas
se dispersaram sobre o asfalto quente
de um dia que se fez ensolarado

Sim

eu digo que sim
tudo não passou de um quase...
que se perdeu no tempo
como lágrimas vertidas na chuva



Lu Santos transita entre o pensamento crítico e a escrita poética. É bacharel em Filosofia, mestre e doutora em Ciências Sociais. Começou a escrever poesia aos 14 anos.



Marcolongo
Ricardo

A transcendência do silêncio

Houve um tempo
em que eu acreditava que o amor
habitava as palavras.

Nos juramentos.
Nas cartas.
Nas promessas lançadas ao vento
como quem tenta deter o curso dos rios.

Mas os anos,
com sua paciência de pedra e mar,
ensinaram-me outra coisa.

As palavras brilham.
O silêncio permanece.
Foi no silêncio que compreendi tua presença.
Não quando falavas.

Mas quando a tarde repousava entre nós
sem exigir explicações.

Quando o mundo continuava seu movimento invisível
e, por um instante,
nada precisava ser dito.

Porque existem encontros
que acontecem além da linguagem.

Como o mar encontra a praia.
Como a lua encontra a noite.
Como a luz encontra as antigas paredes

das cidades voltadas para o horizonte.

Sem anúncio.
Sem testemunhas.
Sem ruído.

Durante muito tempo,
confundi amor com desejo.
Depois,
confundi amor com permanência.

Mais tarde,
compreendi que o amor não é nenhuma dessas coisas.

O amor é atenção.
É a capacidade de contemplar outra alma
sem a necessidade de possuí-la.
É reconhecer uma presença
e permitir que ela seja livre.

Tal como os navegadores antigos
que orientavam suas travessias pelas estrelas,
sem jamais tocar aquilo que os guiava.

Há uma forma de silêncio
que não é ausência.
É plenitude.

Um espaço tão cheio de significado
que qualquer palavra o diminuiria.

É nele que vivem
as coisas verdadeiramente importantes.

As despedidas que não terminaram.
As promessas que nunca precisaram ser feitas.
Os afetos que sobreviveram ao tempo.

E também você.
Porque algumas pessoas
deixam de ocupar um lugar em nossa vida
e passam a ocupar um lugar em nossa consciência.

Tornam-se parte da paisagem interior.

Como uma montanha distante
que não vemos todos os dias,
mas cuja existência reorganiza o horizonte.

Hoje já não peço que fique.
Já não peço que volte.
Já não peço sequer que compreenda.

O amor amadurece
quando deixa de exigir.
Quando aprende a contemplar.
Quando aceita que a beleza
não precisa pertencer a ninguém.

E assim,
entre o rumor dos séculos,
o movimento das marés,
o nascimento e o desaparecimento das coisas,
permanece apenas isto:
um silêncio sereno,
mais vasto que a memória,
mais profundo que a saudade,
mais antigo que o próprio tempo.

E nele,
como uma estrela invisível
que continua orientando os navegantes durante a noite,
vive tudo aquilo
que o coração jamais conseguiu dizer.



Ricardo Marcolongo Melo (Marcolongo Ricardo) é natural de Suzano/SP. Bacharel em Direito e Sociologia, iniciou sua produção literária aos 10 anos de idade, desenvolve uma trajetória marcada pela escrita sensível e reflexiva, destacada pela profundidade emocional, temas existenciais e linguagem poética com traços góticos e filosóficos. Autor dos e-books *Atlas do Abismo* e *Poesia Urbana*.



*Maria
Rosello*

Café ao sol da manhã

Ou partitura em fuga

Gramática é aquilo que organiza nosso mundo por baixo da superfície. Uma mãe lendo à luz de lamparina tem gramática. Um pai subindo a serra caminhando tem gramática. Um café ao sol da manhã tem gramática. E, o silêncio também.

Andante grave, con sospensione

Dante desceu os nove círculos do Inferno guiado pela gramática de Virgílio. Eu desci sozinha, sem guia gramatical para esse caminho. Quando procurava a saída do quinto círculo, comprei *Em busca do tempo perdido*. O quinto círculo esconde a armadilha de gastar energia tentando ser vista e compreendida por quem não está com a intenção de enxergar.

Allegro inquieto, con figure discendenti

Quando entendi isso, parei de bater na porta errada. Bati na porta da Amazon Brasil. Guiada pela

terceira edição da Nova Fronteira, entrei no sexto círculo. Sétimo. Oitavo. Encontrei a saída do último círculo. Segui. Nele, há apenas silêncio. E, o silêncio, mais do que qualquer outra coisa, é um fim. Ou, um começo.

Scherzo, silêncio cortante

Se o Inferno termina no gelo, a saída está na combustão. Na decisão de queimar o que precisa ser queimado para que algo novo possa nascer e seguir.

Fugato breve, incandescente

Nem tudo foi combustão. As 2472 páginas de Marcel Proust seguem comigo. A segunda e a terceira partes estão na estante. A primeira está na minha prateleira de cabeceira: ousada; impiedosa; bruta; aparente. A prateleira.

Adagio molto espressivo

Minha mãe também era assim. Da noite para o dia, decidiu que mudaríamos de casa. Mandou meu

pai procurar um apartamento. Lembro dele chegando à noite com o contrato em mãos e abrindo a planta sobre a mesa da sala de jantar. Era um domingo.

Durante o dia, minha mãe separava o que era para jogar, doar ou levar. O que era para jogar ia para o quintal, em pilha crescente. No fim de uma tarde, ela ateou fogo.

Pegou uma taça de vinho e ficou olhando a fogueira.

Eu tinha treze anos. *Heavy metal*. A certeza de que minha mãe tinha enlouquecido. Como uma leitora atenta e professora dedicada podia queimar livros, papéis, objetos?

Eu dizia que ela era uma generala. Até que alguém me disse, “Não. Ela é empoderada.”

Só quando atravesssei o Estige compreendi. Minha mãe era lúcida. Se eu tivesse um quintal, também teria queimado tudo o que era para jogar fora.

Sforzato, ruptura súbita

A lombada da primeira parte está desbotada mas isso não significa que li todas as páginas. Significa apenas que a primeira parte e eu já tomamos 1309 cafés ao sol da manhã. Seguimos nos conhecendo.

A lúcida da minha mãe dizia que só podemos dizer que lemos um escritor quando lemos cinco obras dele. O dançarino de Gurdjieff diz que é preciso ler cada obra três vezes. De fato, eu sabia por que comprei *Em busca do tempo perdido* mas não sabia para quê. Ainda não comeci Dostoiévski. E, Nietzsche?

Moderato instabile

Camus é de casa. Nos conhecemos em 1994, atravessando a avenida Diagonal, em Barcelona. Um desconhecido, com um jornal e *Le Premier Homme*, nos apresentou. Nunca mais o vi. Camus e eu seguimos conversando.

Depois de tantos whiskys com meu pai e tantos cafés com Camus, compreendi que não se vence uma luta no oitavo círculo.

Minha mãe continua dizendo que sim.

Eu apenas dei um passo — e percebi que o círculo já não me seguia.

Lento, quasi silenzio

Na saída, recebi meu julgamento por escrito. Achei chique.

A última linha diz, “A felicidade não reside em um café ao sol da manhã.”

Sorri. Respondi em silêncio, “A minha reside.”

Foi em um café ao sol da manhã que escrevi “Gramática”. E, foi no café seguinte que o edital da **Proust** me encontrou.

Enviei o texto sem expectativa de seleção mas com a certeza de que aquela edição seria o primeiro capítulo de uma história maior.

Ostinato crescente

A partir daí, uma sucessão de coincidências.

Eu, filha de Mírian e Francisco, cresci com duas gramáticas. Na

infância e adolescência, elas conviviam em paz — entre si, não comigo.

“Eu era um campo de batalha vivo na minha adolescência,” diz Myriam Abdelmoula. Não a conheço. Apenas tomamos um café outro dia.

Foi quando abri a versão de trabalho da primeira edição da revista proustiana para verificar a formatação que encontrei Joyce Greccio. Ela me apresentou seu “Gênesis literário” e disse que guarda sempre a mãe no coração.

Nove minutos depois, achei por bem me apresentar àquela que estava à minha frente.

Ladeada por essas escritoras, saí com a sensação de que o editor-chefe coloca vozes em estado de ressonância — e a memória faz diagramação.

As duas gramáticas que me precederam conversavam bem porque cada uma tinha sua zona de atuação. Depois, fui aprendendo a conversar com elas.

Porém, na vida adulta, sigo com dificuldade nas conjugações.

Contratempo

Por falta de atenção. Por memória.

Ou, porque a gramática do meu pai sugere, “Pague e fique quieta”.

Enquanto a da minha mãe afirma, “Se estiver errada, abaixe a cabeça e peça desculpas; se estiver certa, levante a cabeça e exija seus direitos. Se precisar, grite inclusive”.

Eu compreendo ambas. Só tenho dificuldade nas conjugações.

As duas datam da década de 1920 e nasceram em contextos geográficos e históricos distintos. O problema é que eu, vira e mexe, mexe e vira, preciso escolher qual usar.

Há alegrias que nenhuma sentença revoga.

Uma dessas alegrias começou por engano.

Andante luminoso, quase memória

Naquele dia, ao ver uma página diagramada, tive a impressão de reconhecer, ao lado do meu nome, *Moça lendo uma carta à janela*.

Sorri. Mulher, carta, janela.

Logo abaixo, meu texto sobre envelopes, café e gramáticas.

Só depois de dois dias, percebi que não era Johannes Vermeer.

Quando percebi o ledão engano, a alegria permaneceu.

Moça lendo uma carta à janela passou parte de sua história sendo atribuída a Rembrandt, depois, a Pieter, até ser reconhecida como obra de Johannes.

Eu apenas repeti, em miniatura, a história da pintura. Antes de reconhecer a imagem, atribuí autoria. Antes de ver, li.

Coda

Só nos resta continuar lendo.

Toda leitura é um engano.

Lemos antes mesmo de começar
a ler.



Escritora. Professora. Socióloga. Contemporânea. Literatura do cotidiano em realismo psicológico. Vive. Sente. Escreve para dar ordem aos afetos, à memória e ao que insiste em permanecer.



*Mônica
Moraes*

Céus estrangeiros

Clara podia prever o tempo observando as nuvens. Olhava através da janela antes de escolher o que vestir pela manhã. Não havia nada de científico no que fazia. Apenas captava sensações, coletava percepções e as conclusões nasciam.

O método era infalível. Ao contrário do Instituto Nacional de Meteorologia, que parecia emitir boletins para contrariar a realidade do tempo. Previsões que promoviam verdadeiro desfile de casacos mofados em dia de sol a pino. Mas Clara era imune às armadilhas das previsões oficiais. Ela tinha seu próprio termômetro interno e confiava nessa habilidade aonde quer que fosse.

Um dia, pouco antes de sair para a aula de inglês, uma colega de quarto, percebendo que ela vestia um volumoso agasalho, questionou a razão da sua escolha, já que

a previsão do tempo dizia que seria um dia quente, típico de início de verão. Clara apenas olhou para as nuvens que encobriam o céu mais cinza que havia visto na América do Norte e respondeu: “Eu sei o que estou fazendo.”

Vinte minutos de caminhada e trinta minutos de metrô até Manhattan foram suficientes para Clara desejar estar em outra ilha — a de Fernando de Noronha — onde o céu não precisava ser decifrado, era cúmplice de suas expectativas, e o calor tinha pelo menos a generosidade de vir acompanhado da brisa do mar. Mas Nova York não negociava ou, talvez, simplesmente a brasileira não entendesse plenamente o seu idioma ainda. Clara, na sua ilha de convicções, não pôde ver, pelo menos até aquele instante, que informação vale mais que experiência quando olhamos para novos céus.



Jornalista pernambucana com mais de duas décadas de atuação em rádio, TV e produção audiovisual, Mônica Moraes escreve crônicas que partem do detalhe cotidiano para revelar o que não estava visível à primeira leitura.



Paulo
Nascimento
Guerra

Carta a Marcel Proust

Marcel,

Há cartas que demoram um século a encontrar o destinatário.

Esta é uma delas.

Durante anos passei pela sua obra como quem passa diante de uma casa cuja porta permanece fechada. Via as janelas iluminadas. Conhecia o nome gravado na fachada. Sabia que lá dentro existia um mundo inteiro. Mas nunca bati à porta.

Hoje percebo que não era eu quem adiava esse encontro.

Era o senhor quem esperava.

Há escritores que não aceitam ser lidos demasiado cedo. Esperam, em silêncio, até que uma vida tenha acumulado memória suficiente para reconhecer outra. Cheguei tarde. Mas talvez os livros nunca conheçam verdadeiros atrasos. Conhecem apenas encontros.

Escrevo-lhe de um tempo que lhe pareceria impossível. Um tempo em que atravessamos continentes em poucas horas e, apesar disso, esquecemos de olhar pela janela. Um tempo em que guardamos mais imagens num único dia do que todas as gerações anteriores conseguiram produzir em séculos e, paradoxalmente, recordamos cada vez menos.

Se lhe quero mostrar o nosso tempo, tenho de fazê-lo através daquilo que nunca envelhece. Através das suas frases. As suas palavras atravessaram um século com mais facilidade do que as nossas tecnologias atravessam uma década. Talvez porque as máquinas expliquem uma época. As grandes frases explicam o ser humano.

Escreveu um dia que os dias talvez sejam iguais para um relógio, mas nunca para um homem. Durante muito tempo achei que essa frase falava do tempo. Hoje penso que falava da vida.

Entretanto construímos relógios capazes de medir quase tudo. Contam os nossos passos, o ritmo do coração, as horas de sono, o tempo passado diante de um ecrã. Nunca soubemos tanto sobre os minutos. Nunca compreendemos tão pouco os dias.

Continuamos sem conseguir medir o peso de uma despedida. A duração de um luto. A lentidão de uma sala de espera onde um médico ainda não pronunciou um nome. A velocidade com que um filho deixa de procurar a mão da mãe para atravessar a rua. O instante exacto em que um homem percebe que os pais começaram a envelhecer.

Os relógios tornaram-se mais inteligentes. O tempo não. Porque o tempo nunca foi aquilo que passa. É aquilo que permanece.

Foi preciso adoecer para compreender isto. Durante meses vivi cercado de calendários, exames, tratamentos e previsões. Um dia disseram-me quanto tempo poderia restar-me. Saí dessa consulta com uma estranha serenidade. Pela primeira vez compreendi que

um relógio e um homem nunca viveram no mesmo tempo.

O relógio continuou a contar dias. Eu comecei a contar manhãs. Comecei a reparar na luz que entrava pela janela. No sabor do café. Na voz da minha mãe quando me perguntava apenas se tinha dormido. Na alegria absurda de caminhar sem dores. Nunca um minuto foi tão comprido. Nunca uma hora foi tão pequena.

O corpo obriga-nos, mais cedo ou mais tarde, a tornarmo-nos contemporâneos de nós próprios.

Foi então que percebi outra coisa. A memória não trabalha como julgamos. Passei anos convencido de que ela guardava o que mais amávamos. Não guarda. Escolhe. E quase nunca nos explica porquê.

Quando eu tinha onze anos, a minha avó foi atropelada em frente de casa. Ainda hoje consigo ouvir o impacto. Aquele som ficou intacto dentro de mim, como se o tempo nunca tivesse conseguido desgastá-lo. O que desapareceu foi outra coisa. A voz dela. Por

mais que tente, não consigo ouvi-la. Lembro-me das mãos. Do modo como caminhava. De pequenos gestos. Mas a voz perdeu-se algures entre os anos.

A memória conservou o ruído da morte. Apagou o som da vida.

Foi então que finalmente o compreendi. O senhor nunca escreveu sobre recordar. Escreveu sobre a forma imprevisível como somos recordados pela nossa própria memória.

Procurei a voz da minha avó durante anos. Nas fotografias. Nas histórias da família. Nos silêncios. Nunca voltou. Encontro-a, às vezes, no modo como a minha mãe pronuncia certas palavras. Num gesto involuntário das mãos. Na forma como dobra um pano sobre a mesa. Num sorriso que atravessa gerações sem pedir autorização.

As pessoas nunca desaparecem completamente. Mudam apenas de morada. Deixam de viver diante dos nossos olhos. Passam a viver dentro dos nossos gestos.

Penso muitas vezes na sua madeleine. A madeleine nunca foi um bolo. Foi uma revelação. O sabor era apenas a porta. A verdadeira descoberta acontecia do outro lado.

Continuamos rodeados de madeleines e quase nunca lhes reconhecemos o poder. Há ruas onde ainda mora a infância. Há perfumes que devolvem pessoas inteiras. Há músicas que não ouvimos para escutar uma melodia, mas para reencontrar alguém que já não existe. Há uma luz de fim de tarde que pertence apenas a uma determinada idade da nossa vida. E há livros que, ao serem abertos, libertam muito mais do que palavras.

Nunca na história da humanidade se produziu tanta memória. Nunca existiu tão pouca recordação. Chamamos memória ao armazenamento. Não são a mesma coisa. A memória nunca foi uma coleção. É uma transformação.

Uma fotografia não guarda um momento. Guarda apenas a possibilidade de um dia voltarmos a senti-lo. Há fotografias que olha-

mos dezenas de vezes sem que aconteça absolutamente nada. E há uma única imagem, esquecida durante anos numa gaveta, que um dia nos devolve uma casa inteira. Não é a fotografia que mudou. Fomos nós. É sempre a pessoa que regressa diferente ao passado. Nunca o passado.

Passei muitos anos convencido de que fotografava lugares. Hoje sei que fotografo tempo. Aquilo que realmente fotografo é o momento exacto em que uma coisa começou a tornar-se memória. Uma fotografia é sempre uma saudade antecipada.

Numa dessas viagens pensei novamente em si. Estava em Tallinn. Quando trouxeram a conta, vinha dentro de um livro de Miguel Torga. Sorri. Perguntei a quem me servia se conhecia o autor. Disse-me que não. Expliquei-lhe que aquele escritor escrevia na minha língua, que vinha do mesmo país que eu. Durante alguns minutos falámos de um homem que nenhum de nós conhecera e que, no entanto, estava sentado connosco naquela mesa.

Quando me levantei para partir, deixei ali um dos meus livros.

Não por gratidão. Nem por vaidade. Porque me pareceu que era isso que os livros fazem uns pelos outros. Continuam a conversa.

Saí daquele café com a estranha sensação de que dois escritores portugueses tinham acabado de se cruzar numa cidade estónia sem nunca se terem encontrado. Talvez um livro nunca pertença verdadeiramente ao autor. Talvez pertença ao momento em que um desconhecido o abre num lugar inesperado.

Os escritores morrem. As conversas não.

Há outra frase sua que regressa sempre que fecho um livro. Escreveu que, na leitura, a amizade é restituída à sua primeira pureza. Na juventude lia para conhecer histórias. Hoje leio para conhecer pessoas. Nem sempre as personagens. Muitas vezes o autor. E, quase sempre, alguém que ainda não conhecia em mim.

Há um aparelho no bolso de quase toda a gente que reclama atenção de poucos em poucos minutos. Vibra. Ilumina-se. Chama-nos pelo nome. Faz-nos acreditar que tudo é urgente. É uma máquina extraordinária. Mas também nos roubou uma capacidade antiga. A de permanecermos muito tempo dentro da mesma ideia. Já ninguém se perde num pensamento. Saltamos dele antes que nos transforme.

Penso muitas vezes no seu quarto revestido a cortiça. Durante muito tempo imaginei que queria apenas afastar o ruído da rua. Hoje suspeito de outra coisa. Talvez estivesse a proteger um som muito mais frágil. O da consciência quando finalmente deixa de competir com o mundo.

O silêncio deixou de ser a ausência de barulho. Passou a ser a ausência de interrupções. O silêncio antigo estava à nossa volta. O silêncio moderno precisa de ser conquistado. Talvez por isso tantas pessoas tenham medo dele. Quando tudo se cala, sobra apenas uma companhia. Nós pró-

prios. E nem sempre sabemos conversar connosco.

Passamos metade da existência a atravessar dias sem realmente os habitar. Vivemos por hábito. Depois abrimos um romance e, de repente, um escritor descreve um movimento da alma que julgávamos exclusivamente nosso. Nesse instante sentimo-nos menos sós. Não porque alguém nos tenha dado uma resposta. Mas porque alguém, muitos anos antes, fez exactamente a mesma pergunta.

Talvez seja essa a função mais discreta da literatura. Não explicar a vida. Fazer-nos companhia enquanto a tentamos compreender.

A pior forma de solidão não é viver sem ninguém. É viver sem ninguém que nos leia. Não me refiro aos livros. Refiro-me àquela leitura mais difícil. A de um rosto. De um silêncio. De uma hesitação. Há pessoas que passam uma vida inteira sem que alguém repare verdadeiramente nelas. Talvez por isso um grande romance continue a ser um acto de justiça. Durante algumas centenas de páginas, alguém é visto por com-

pleto. Com as suas misérias. Com as suas contradições. Com a sua vaidade. Com a sua ternura. Sem ser reduzido a uma única versão de si.

O senhor percebeu isso antes de todos nós. Foi por essa razão que precisou de milhares de páginas. Não porque gostasse de escrever muito. Mas porque sabia que uma pessoa demora muito tempo a revelar-se.

Talvez seja por isso que ainda o lemos. Não para descobrir quem foram Swann, Albertine ou Charlus. Mas para descobrir quem somos quando acreditamos estar a ler apenas sobre eles. Os grandes livros fazem sempre esse pequeno milagre. Começamos a lê-los por curiosidade. Terminamo-los com a estranha sensação de termos sido lidos por eles.

Escrevo-lhe desta cidade que o senhor nunca visitou, neste século que não imaginaria, nesta língua que nunca falámos em comum. E, no entanto, aqui estamos. Os dois. Separados por um século. Unidos por aquilo que nunca envelhece.

Os escritores não escolhem os seus contemporâneos. A literatura escolhe-os por eles. Talvez por isso um livro nunca termine na última página. Continua silenciosamente à procura da pessoa certa. Espera. Como o senhor esperou por mim.

Escreve-se sozinho. Nunca se escreve apenas para si. Há sempre alguém, algures no futuro, que ainda não sabe que está à nossa espera.

No fim de tudo, talvez seja apenas isso a literatura. Um homem escreve sozinho. Outro homem, muitos anos depois, deixa de estar sozinho ao lê-lo. Entre um e outro existe apenas papel. E, no entanto, nenhuma ponte alguma vez foi mais sólida.

Obrigado pela espera, Marcel. Sem ela, esta carta nunca teria existido.

Com admiração,

Paulo Nascimento Guerra

Lisboa, 2026



Paulo Nascimento Guerra é escritor, fotógrafo e empresário português. Autor de *O Vendedor de Lágrimas* (2016), *Vida* (2025) e *O Lugar do Som* (2025), explora temas como a memória, a perda, a identidade e a condição humana. A sua escrita procura encontrar beleza, verdade e significado nos territórios mais silenciosos da existência.



*Paulo Renato
de Faria*

Fluxo

Jorra do alto a fonte,
permito correr em mim
de Oxum o fluxo:
escorrem sentimentos...

Não controlo o riacho —
ele me guia —
E se, como em Sidarta de Hesse,
cada qual atinge sua iluminação
por um meio distinto.

Eis que me deixo respirar,
saber que a transformação
é contínua.

Admiro a Casca d'Anta,
serras e canastras
que em mim guardam
todo um universo —
tal qual Rosa visitou.
A queda d'água pujante,
em íris de esplendor!

No ventre alto da serra
onde o São Francisco ainda é semente,
a água aprende seu nome
antes de ser corrente.

A serra também respira —
lento pulmão de pedra
a abrir e fechar o tempo.

Ali, o mundo se inicia
sem pressa de se tornar grande —
apenas o pulso escondido
do que já nasce abundante.

Por algum motivo,
esses instantes sublimes
me extasiam ao meditar
junto aos seixos.

A água me transborda.
O suave som desse palco
me faz meditar...

E se presente estou
a cada inspirar,
é o gentil toque
de tentar ascender.

Artémis me protege
nos horizontes verdejantes,
e por ela sonhando vou
em livros entreabertos
dessa cachoeira interna
que me percorre em cada veia.

E então se desfaz do chão,
do controle das alturas,
não por perda — mas por dança
entre vertigem e ternura.

Despenca sem perguntar
se há fim no que se entrega,
porque cair, ali, é só
outra forma de ser leveza.

No sopro após o impacto
não há fim, só transformação:
a água já não é queda,
é caminho, é direção.

Segue rio sem memória
do instante em que se lançou —
carrega a origem em si
sem jamais tê-la deixado.



Poeta belga-brasileiro, com produção voltada à poesia em verso livre. Desenvolve uma escrita de caráter introspectivo, explorando afetividade, memória e experiência subjetiva. Investiga a relação entre a linguagem poética e a percepção do cotidiano.



*Youssef
Bouguerra*

A revolução da dignidade

Os policiais agarraram-no com força e o atiraram na caminhonete. Na delegacia, só foi solto depois de assinar uma declaração de que não voltaria a vender mercadorias no camelódromo. Não tinha a autorização necessária. Dias antes, no frio intenso daquele inverno, diante do filho faminto e da mulher impotente, decidira arriscar-se no comércio.

Voltou para casa caminhando lentamente. *O filho pequeno o casamento a graduação em ciências políticas a busca por trabalho o desemprego sua mãe seu pai o presidente quando era criança a dor na canela ainda bem que não quebrou o que Deus está fazendo...*

Se tivessem televisão, teriam assistido ao discurso cotidiano do presidente Bento. Naquele dia, vangloriava-se de uma visita feita a uma escola no interior.

— Nosso compromisso é com a educação. As gerações vindouras nos agradecerão por nossas ações generosas. Nossos filhos e nossos netos terão vidas prósperas.

Antes de deitar-se, saiu para o quintal para assegurar-se de que ainda havia álcool para o fogareiro.

* * *

No camelódromo, muito movimentado pela manhã, a cena da véspera repetiu-se. Ele não deveria estar lá, mas queria recuperar parte da mercadoria que tinha exposto no chão, sobre um farrapo que Deus sabe onde havia encontrado. Não achou os brinquedos velhos. Ao longe, os berros de um vendedor autorizado:

— Olha a bolsa, olha o cachecol! É pra espantar o frio, freguesa! Tem luva de lã, touca com pom-pom e meia-calça térmica! Três por dez, vem escolher que tá acabando!

Dirigiu-se então ao Palácio do Comércio. Vez ou outra, dava um pequeno tapa no bolso. Chegando ao destino, tirou o frasco que carregava consigo e fez o que tinha de fazer. Alguns passantes,

chocados, registraram o momento.

* * *

No hospital, Marta estava sentada com o filho no colo, prostrada no meio do vaivém de médicos, enfermeiros e pacientes, quando recebeu a ligação do primo. Quando o médico chamou, desligou. As notícias não eram boas.

Passou os dez dias seguintes hospedada na casa do primo, indo diariamente ao hospital na esperança de uma melhora. Ele parecia atarefado durante o dia, fazendo telefonemas seguidos. À noite, Marta buscava afastar a dor diante da televisão.

— Ah, não! Bento, não!

— Vou botar no outro canal.

Os registros do momento fatídico tinham chegado à emissora estrangeira.

— Desliga. Não posso ver isso...

No décimo dia, veio a notícia.

* * *

Marta nunca tinha visto toda a família reunida assim. Tios, tias, cunhados e outros parentes de todas as idades e condições, próximos e distantes, aglomeraram-se na rua do primo e saíram rumo ao centro da cidade. “Fora Bento”, dizia um cartaz. Outro ecoava: “Nunca mais!” Os vizinhos juntaram-se à procissão. À medida que avançava, o grupo se tornava cada vez maior. Pararam diante do Palácio do Comércio quando a polícia chegou.

As imagens do protesto foram transmitidas pela emissora estrangeira, enquanto o presidente continuava a discursar no canal oficial.

* * *

Os protestos diários espalharam-se por todo o país. Soldados armados até os dentes foram intimados a fazer o trabalho no lugar dos policiais. Estavam nas cidades e no campo. Em meio à violência, milhares foram presos. Por trás do olhar frio dos militares, percebia-se um fio de compaixão.

Enquanto a emissora estrangeira cobria os acontecimentos, o discurso de Bento no canal oficial começava a mudar.

— Nosso governo tem compromisso com vocês. Entendemos suas preocupações. Fiquem tranquilos: vão colher os frutos de nosso trabalho. A economia já está dando sinais de melhora.

— Onde vai parar isso?

* * *

Houve mudanças profundas no país nos anos que se seguiram à fuga de Bento para o exterior. O

filho de Marta crescera resolvido a honrar a memória do pai — ela mesma cuidara disso, contando-lhe, noite após noite, o que restava dele: um frasco, um gesto, um país.

Marta continuava hospedada na casa do primo. De dia, trabalhava no camelódromo, onde ainda se ouviam os pregões dos vendedores autorizados. À noite, espantava-se ao escutar, na televisão, críticas abertas ao governo provisório, e perguntava-se se veria, um dia, outra revolução: aquela que mudaria também o preço do pão.

O ônibus azul

Eu adoro ir pro shopping com papai. Ele me deixa andar nos brinquedos que eu quero. A gente passeia muito. Papai toma café e eu tomo soda italiana. A gente vai muito pro shopping. Quando mamãe trabalha no sábado, a gente fica mais tempo. É muito legal!

Naquele dia, mamãe não foi trabalhar. Ela foi pro salão e disse que ia voltar depois do almoço. Eu fui pro shopping com papai. As moças da loja de brinquedos conhecem a gente. Eu comprei o Lego da Turma da Mônica. Depois a gente foi tomar café e soda italiana. Papai disse que mamãe resolveu ir embora e que ela vai me levar junto, mas que não muda nada e que a gente vai continuar como sempre e que a gente vai continuar indo pro shopping muitas vezes.

Quando a gente voltou pra casa, tava tudo estranho. Tinha malas na entrada e a estante tava meio vazia. Mamãe começou a falar e papai disse: “Não precisa falar, ele

sabe.” Mamãe me levou pro carro e ela abriu o vidro. Eu segurei a mão do papai e falei pra ele: “Fica.”

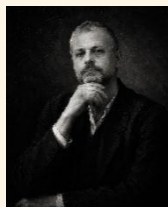
A gente foi pra casa da vovó. Mamãe me deu meus brinquedos, mas não me deu o ônibus grande, aquele azul. “Outro dia a gente busca”, mamãe falou. Vovó tinha feito carne com massinha. Tava muito bom! Vovó me deu um beijo antes de dormir e eu fui pro quarto com mamãe. Eu queria o ônibus azul pra agarrar antes de dormir.

Quando acordei, tinha cheirinho bom de pão. Eu tomei café da manhã. Depois mamãe me levou pra brincar na pracinha. Papai veio e falou que tinha alguma coisa pra mim no carro. A gente foi buscar. Mamãe ficou esperando. Era o ônibus azul, aquele grande! Quando a gente voltou pra pracinha, eu perguntei pro papai se era verdade que o carro não era mais da gente. A vovó falou

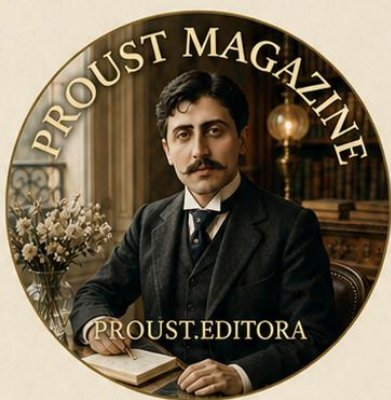
isso. Papai disse que não. Não muda nada.

Papai veio me buscar de Kombi na saída da escolinha. Ele tava feliz. Papai disse que alugou a Kombi pra gente passar vários dias juntos. Eu adoro Kombi! Eu subi na parte de trás. Tava muito

legal! Papai tava muito feliz. Ele falou: “Conseguimos! Agora a gente vai passar mais tempo juntos. Arrumei seu quarto, ficou bem legal!” Papai tava rindo. No shopping, a gente foi pra loja de brinquedos. Eu comprei o Lego dos marcianos. É muito legal!



Youssef Bouguerra é escritor e editor-chefe da Proust Magazine. Nascido na Tunísia e radicado no Brasil, viveu em diferentes países e cidades, experiência que atravessa sua escrita. Seus textos transitam entre autobiografia, errância e ficção existencial, explorando identidade fragmentada, pertencimento, memória e deslocamento cultural. É membro da União Brasileira de Escritores (UBE) e da Associação Gaúcha de Escritores (AGES).



“ A verdadeira viagem de descoberta não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos. ”

MARCEL PROUST



www.proustmagazine.org



[@proust.editora](https://www.instagram.com/proust.editora)